

RELATÓRIO FINAL

MANUAL DE VIDEOARTE VERTICAL

@videoarte_ativista

SOFIA SARTORI DOS SANTOS

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA –
MESTRADO PROFISSIONAL**

SOFIA SARTORI DOS SANTOS

**TECNOLOGIA E ATIVISMO CURATORIAL: MANUAL
DE VIDEOARTE VERTICAL**

Bauru
2023

SOFIA SARTORI DOS SANTOS

**TECNOLOGIA E ATIVISMO CURATORIAL: MANUAL DE VIDEOARTE
VERTICAL**

Relatório Final de Pesquisa – Produção Artística apresentada ao Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia – Mestrado Profissional, da Faculdade de Artes, Arquitetura e Comunicação da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, para obtenção do título de Mestre em Mídia e Tecnologia, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Regilene Ap. Sarzi Ribeiro.

Bauru

2023

Santos, Sofia Sartori.
Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de
Videoarte Vertical./ Sofia Sartori dos Santos, 2023
97 f. : il.

Orientadora: Prof^a Dr^a Regilene A. Sarzi-Ribeiro

Relatório Final de Pesquisa apresentado ao curso de
Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia -Universidade
Estadual Paulista (Unesp). Faculdade de Arquitetura,
Artes, Comunicação e Design, Bauru, 2023

ISBN:978650064887-4

1. Ativismo Curatorial. 2. Artemídia e Tecnologia.
3. Feminismo Interseccinal. 4. Manual de Videoarte
Vertical. I. Universidade Estadual Paulista. Faculdade
de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design. II.
Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte
Vertical.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE MESTRADO DE SOFIA SARTORI DOS SANTOS, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM MÍDIA E TECNOLOGIA, DA FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES, COMUNICAÇÃO E DESIGN.

Aos 03 dias do mês de março do ano de 2023, às 09:00 horas, no(a) Auditório da Seção Técnica de Pós-Graduação da FAAC, realizou-se a defesa de DISSERTAÇÃO DE MESTRADO de SOFIA SARTORI DOS SANTOS, intitulada **Tecnologia e Ativismo Curatorial - Manual de Videoarte Vertical**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Professora Doutora REGILENE APARECIDA SARZI RIBEIRO (Orientador(a) - Participação Presencial) do(a) Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professora Associada VÂNIA CRISTINA PIRES NOGUEIRA VALENTE (Participação Presencial) do(a) Departamento de Artes e Representação Gráfica da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design / Universidade Estadual Paulista, Professora Doutora LIENE NUNES SADDI (Participação por Parecer Circunstanciado) do(a) Comunicação / Faculdades Integradas de Bauru. Após a exposição pela mestranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: Aprovada. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.


Professora Doutora REGILENE APARECIDA SARZI RIBEIRO

Impacto potencial desta pesquisa

A pesquisa poderá oferecer para a sociedade um produto em forma de manual que simplifica o modo de aprender sobre arte ativista e incentiva a participação de pessoas da sociedade no âmbito artístico, assim a pesquisa oferece para a sociedade um lugar em que espectadores podem mostrar suas perspectivas por meio de videoartes verticais.

O impacto científico esperado desta pesquisa é relacionado à contribuição que essa apresenta para o âmbito acadêmico, de como as teorias apresentadas podem ser colocadas em prática, para expandir as produções e perspectivas no âmbito artístico.

Já o impacto social esperado desta pesquisa é contribuir ao bem estar social, qualidade de vida de indivíduos e coletividades, já que a pesquisa foi fundamentada no ODS5 (Objetivo de desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU) – que visa alcançar a igualdade de gênero para todas as mulheres e meninas, buscou-se o feminismo interseccional para fundamentar o Manual de Videoarte Vertical Ativista que viabilizasse produções e geração de novos protagonismos nas videoartes produzidas a partir do manual.

Potencial impact of this research

The research will be able to offer society a product in the form of a manual that simplifies the way of learning about activist art and encourages the participation of people from society in the artistic field, thus the research offers society a place where spectators can show their perspectives through vertical video art.

The expected scientific impact of this research is related to the contribution it presents to the academic field, how the theories presented can be put into practice, to expand productions and perspectives in the artistic field.

The expected social impact of this research is to contribute to the social well-being, quality of life of individuals and communities, since the research was based on SDG5 (Sustainable Development Goal of the UN Agenda 2030) – which aims to achieve gender equality for all women and girls, intersectional feminism was sought to support the Vertical Activist Video Art Manual that would enable productions and the generation of new protagonisms in the video art produced from the manual.

Sofia Sartori dos Santos

TECNOLOGIA E ATIVISMO CURATORIAL: MANUAL DE VIDEOARTE
VERTICAL.

Área de Concentração: Ambientes Midiáticos e Tecnológicos

Linha de Pesquisa 2 – Tecnologias Midiáticas

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro

Presidente/Orientador/Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” UNESP – Campus Bauru.

Prof.^a Dr.^a Vânia Cristina Pires Nogueira Valente

Instituição: Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNESP – Campus Bauru.

Prof.^a Dr.^a Liene Nunes Saddi

Instituição: FIB - Faculdades Integradas de Bauru

Resultado: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Cleuber e Mayze, que sempre motivaram-me a seguir o percurso que fez sentido para mim, apoiando-me durante toda essa trajetória.

A minha orientadora, a Prof.^a Dra. Regilene Aparecida Sarzi Ribeiro, pela sua dedicação, orientação, confiança e empenho em mostrar-me sempre os melhores caminhos a serem percorridos para que fosse possível o desenvolvimento e conclusão desta pesquisa.

Aos professores e colegas do PPGMiT-MP, pelo apoio e troca de experiências e saberes durante as disciplinas e eventos, que tanto contribuíram para a definição e o amadurecimento do projeto de pesquisa.

“The question is not whether anything can be done but what can be done and how to do it in a way that is effective, responsible and ethical.” (Diana Taylor)

SANTOS, Sofia Sartori dos. **Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte Vertical**. Relatório Final de Pesquisa apresentado ao curso de Pós-Graduação em Mídia e Tecnologia da UNESP - Universidade Estadual Paulista, sob a orientação da professora Dra. Regilene Aparecida Sarzi-Ribeiro, Bauru, 2022.

RESUMO

O tema desta pesquisa é o ativismo curatorial associado à artemídia e tecnologia presentes em exposições produzidas pelo VideoBrasil OnLine, uma das principais mostras de arte e tecnologia da América Latina, entre os anos de 2010 e 2020. O ativismo curatorial é uma prática contemporânea comprometida com iniciativas contra hegemônicas que promove a organização de exposições artísticas com o objetivo de dar visibilidade e reconhecimento a grupos de artistas mulheres, feministas, entre outros. A pesquisa surgiu da seguinte questão: o Ativismo Curatorial faz uso de tecnologias e mídias para aproximar artistas e espectadores? O objetivo geral da pesquisa foi a criação de um Manual de Videoarte Vertical Ativista a partir da investigação da função do vídeo no Ativismo Curatorial. Os objetivos específicos são: 1. Observar o vídeo como elemento potencializador da interatividade e cooperatividade entre artistas e espectadores; 2. Investigar e definir o conceito de Ativismo Curatorial, estudar e descrever a mostra Videobrasil Online no recorte temporal proposto, 2010-2020; 3. Propor um Manual de Videoarte Vertical de cunho ativista com o tema Arte do Vídeo, Tecnologia e Mídia do Feminino. De natureza qualitativa, trata-se de uma pesquisa observacional, bibliográfica e documental, para identificar as teorias que embasam a pergunta de pesquisa, e também a observação da plataforma Videobrasil Online com o recorte temporal entre 2010 e 2020. Pesquisa experimental e descritiva quando é proposto e colocado em prática um Manual Interativo como resposta aos questionamentos investigados. Portanto, quanto aos objetivos consiste em uma pesquisa exploratória - referente ao tema Ativismo Curatorial, Videoarte e artemídia, com base em documentação indireta. Os resultados revelaram as formas por meio das quais o vídeo e a tecnologia participam do ativismo curatorial, desempenhando um papel social, educativo e de enfrentamento das desigualdades de gênero, como prevê o ODS 5 - Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, da Agenda 2030 da ONU. E de igual forma apresenta-se como resultado um produto – um projeto curatorial ativista e um Manual de Videoarte Vertical. O impacto esperado desta pesquisa é científico, pois mostra como colocar em prática as teorias estudadas, e também social, pois pretende viabilizar novos protagonismos nas videoartes produzidas a partir do manual.

Palavras-chave: Ativismo Curatorial; artemídia e Tecnologia; Feminismo Interseccinal; Manual de Videoarte Vertical

ABSTRACT

The theme of this research is the curatorial activism associated with artemídia and technology present in exhibitions produced by VideoBrasil OnLine, one of the main art and technology exhibitions in Latin America, between 2010 and 2020. Curatorial activism is a contemporary practice committed to counter-hegemonic initiatives that promote the organization of artistic exhibitions with the aim of giving visibility and recognition to groups of women and feminist artists, among others. The research arises from the following question: does Curatorial Activism make use of technologies and media to bring artists and spectators together? The general objective of the research is the creation of an Activist Vertical Video Art Manual from the investigation of the role of video in Curatorial Activism. The specific objectives are: 1. Observe the video as a potentiating element of interactivity and cooperation between artists and spectators; 2. Investigate and define the concept of Curatorial Activism, study and describe the Videobrasil Online show in the proposed time frame, 2010-2020; 3. Propose an activist-oriented Vertical Video Art Manual with the theme Video Art, Technology and Media of the Feminine. Qualitative in nature, this is an observational, bibliographic and documentary research, to identify the theories that support the research question, and also the observation of the Videobrasil Online platform with the time frame between 2010 and 2020. Research experimental and descriptive when it is proposed and an Interactive Manual was put into practice as a response to the questions investigated. Therefore, regarding the objectives, it consists of exploratory research - referring to the theme Curatorial Activism, Video Art and artemídia, based on indirect documentation. The expected results should reveal the ways in which video and technology participate in curatorial activism, playing a social, educational and combating gender inequalities role, as foreseen in SDG 5 - Achieve gender equality and empower all women. women and girls, from the UN 2030 Agenda. And also to present a product – an activist curatorial project. The expected impact of this research is scientific, as it shows how to put the theories studied into practice, and also social, as it intends to enable new roles in video art produced from the manual.

Keywords: Curatorial Activism; Artemedia and Technology; Feminine; Vertical Video Art Manual

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO – DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	p.13
Justificativa.....	p.16
Objetivos.....	p.17
Estrutura do Trabalho.....	p.17
 CAPÍTULO 1 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA E EXERCÍCIOS CURATORIAIS...	p.18
1.1. O Ativismo Curatorial Frente A Sociedade Contemporânea.....	p.19
1.2. Ativismo Curatorial: Vídeo, artemídia e Tecnologia - Ensaio Comentado - Videobrasil Online.....	p.25
1.3. Exercício Curatorial - Mostra Ativista Colaborativa Online -	p.35
 CAPÍTULO 3 - MANUAL DE VIDEOARTE ATIVISTA.....	p.45
2.1. Projeto do Manual.....	p.46
2.2. Descrição Detalhada do Processo de Criação.....	p.50
2.3. O audiovisual contemporâneo como meio de criar um comum para a sociedade - Manual de Videoarte Vertical Ativista.....	p.82
 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p.91
 REFERÊNCIAS.....	p.94

LISTA DE IMAGENS

Figura 01. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021.....	37.
Figura 02. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021.....	38.
Figura 03. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021.....	38.
Figura 04. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021.....	38.
Figura 05. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021.....	39.
Figura 06. Print do perfil na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.....	47.
Figura 7 .Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.....	59.
Figura 8, Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.....	60.
Figura 9. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.	61.
Figura 10. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.....	61.
Figura 11. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.....	62.
Figura 12. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.	62.
Figura 13. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.	63.
Figura 14. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.	63.
Figuras 15, 16, 17, Print das publicações na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2022.....	65.
Figura 18, Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora. 2022.....	66.

Figura 19, Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora. 2022.....	67.
Figura 20, Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora. 2022.....	67.
Figura 21, Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora. 2022.....	72.
Figura 22. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	72.
Figura 23. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	73.
Figura 24. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	74.
Figura 25. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	74
Figura 26. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	76.
Figura 27. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	76.
Figura 28. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.	77.
Figura 29. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	77.
Figura 30. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	78.
Figura 31. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	78.
Figura 32. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	79.
Figura 33. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	79.
Figura 34. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.	80.
Figura 35. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	80.

Figura 36. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	81.
Figura 37. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022.....	81.



I N T R O D U Ç Ã O



D E L I N E A M E N T O
D A P E S Q U I S A

@videoarte _ ativista
S O F I A S A R T O R I D O S S A N T O S

Introdução

O impacto da artemídia¹ na sociedade possui considerável relevância nas discussões acadêmicas atuais. Principalmente em meio a estudos, exposições e produções artísticas ativistas em ascensão na contemporaneidade. A pesquisa propõe uma atenção para os pontos em comum entre o Ativismo Curatorial² e a Videoarte, e como ambos, através das interfaces entre artemídia e tecnologia podem chegar a um espectador de maneira diferenciada e gerar reflexões que ocasionam uma mudança positiva na sociedade.

O Ativismo Curatorial é o tema que norteia a pesquisa e por meio de textos de Maura Reilly é possível atentar para a urgência de estudos e projetos dentro desse recorte, que busca resgatar artistas que não são incluídos na grande narrativa de arte, legitimados pela História da Arte e outros dispositivos do sistema artístico, como galerias, museus e instituições. Trata-se de propor uma curadoria que seleciona trabalhos produzidos por artistas mulheres, negros, não-europeus-americanos e artistas queer, com objetivo de resgatar uma história que foi apagada, para garantir o protagonismo de histórias eurocêntricas, como Reilly elucida em seu texto (REILLY, 2018). Assim, partindo do Ativismo Curatorial será correlacionada a Videoarte, que por meio dos aparatos tecnológicos carrega em seus aparatos, conceitos e definições múltiplas, uma potencialidade de ação.

Jacques Rancière, em seu livro “O Espectador Emancipado” (2010) trata de um espectador contemporâneo, permeado por tecnologias, exacerbação de imagens e informações. Assim é possível que muitas coisas passem despercebidas, banalizadas dentre milhões de imagens que se vê constantemente. Rancière explora questões pertinentes que discutem como as imagens artísticas fazem a diferença e ainda continuam a fazer política.

Rancière apresenta os suportes tecnológicos do vídeo como plurais, os quais expandem possibilidades do ato de produzir e captar imagens, sendo um suporte que combina com as questões contemporâneas pois hibridiza os papéis de quem produz e de quem recebe essas

¹ A artemídia designa as investigações poéticas que se apropriam de recursos tecnológicos das mídias e da indústria cultural, ou intervêm em seus canais de difusão, para propor alternativas estéticas. São ações efêmeras e desmaterializadas, obras em processo, construídas coletivamente, que conseguem, muitas vezes, a árdua tarefa de conciliar o circuito da arte ao ambiente das mídias e das tecnologias informacionais. São criações que se manifestam no embate direto com o tempo ubíquo do ciberespaço, gerando estratégias que subvertem, recriam, ampliam e desconstroem o sentido muitas vezes previsto pelo contexto digital. (ARANTES, 2005, P.53)

² [...] primordial que o curador seja em essência um pesquisador, aprofundando questões teóricas, investigando aspectos relacionados à arte, imagem, representação, estudos culturais, aliados a um interesse e conhecimento de pautas sociais, políticas, ambientais, etc. de seu tempo, confrontando-se permanentemente com obras e proposições de viés experimental, dialogando com artistas e seus processos, articulando e construindo sentidos renovados para o objeto ao qual se dedica. (REINALDIM, 2015, p. 26).

produções. O vídeo permite que se incorpore imagens produzidas pelo público nos trabalhos de arte, estreitando a correlação entre as imagens e o público, o que se nota na imagem estática, amplifica-se na arte do vídeo. Da mesma forma como a realidade é incorporada por meio da imagem em movimento e do reconhecimento daquelas imagens como reais, vividas e experienciadas, também as imagens no vídeo são apresentações do real corporificadas e não representações do real, portanto compõem um aparato tecnológico relevante para um projeto curatorial ativista.

Com a recorrência de obras ativistas, surgiu a necessidade de se estudar tais obras, assim como contemplá-las com projetos curatoriais pertinentes. Esse movimento fez surgir o ativismo curatorial que tem como principal objetivo causar mudanças tanto no ambiente artístico quanto na sociedade.

Neste contexto, surge a seguinte questão que motivou a pesquisa: como o ativismo curatorial faz uso de tecnologias e mídias para aproximar artistas e espectadores? O objetivo geral resultante das indagações iniciais é a criação de um Manual de Videoarte Vertical Ativista a partir da investigação da função do vídeo no Ativismo Curatorial. E com base neste objetivo geral, especificam-se três objetivos específicos, que são: 1- observar o vídeo como elemento potencializador da interatividade e cooperatividade entre artistas e espectadores; 2- investigar e definir o conceito de Ativismo Curatorial, estruturar e descrever a Mostra Videobrasil Online no recorte temporal proposto, de 2010 a 2020; 3- propor um Manual de Videoarte Vertical de cunho ativista com o tema Arte do Vídeo, Tecnologia e Mídia produzidas por mulheres.

A partir do ativismo curatorial, que contempla exposições de produções artísticas marginalizadas, faz-se o recorte temático desta pesquisa, que busca apontar as relações e partilhas do sensível entre o ativismo curatorial e as artes midiáticas, mais especificamente a videoarte, e a relação entre artista, obra e espectador. Portanto, investiga-se exposições a fim de produzir um Manual que contempla projetos curatoriais de videoartes ativistas contemporâneas, mais especificamente na América Latina.

Como resultado esperado, são ressaltadas maneiras pelas quais o vídeo compõe o ativismo curatorial, como potencializa a interação e causa reflexão no espectador, desempenhando assim, um papel social, educativo e de enfrentamento das desigualdades de gênero. O vídeo torna-se um dispositivo ou aparato utilizado como estratégia para instrumentalizar ações apontadas pela ODS 5, que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

O ativismo curatorial tem como um de seus principais fundamentos a mudança, tanto da instituição artística quanto da própria sociedade, e ao proporcionar novas perspectivas, por

exemplo, perante a igualdade de gênero, induz pensamentos contrários à discriminação contra mulheres e meninas, como profere a ODS 5.1.

Já o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável, ODS 5.5 aborda a necessidade de garantir a participação plena e efetiva das mulheres e a igualdade de oportunidades de liderança, que se encaixam na busca do ativismo curatorial e da videoarte feminista os quais buscam dar visibilidade a artistas mulheres vindas de diversas nações. Esta pesquisa visa mostrar o efeito positivo na sociedade que projetos curatoriais ativistas podem ocasionar quando fazem uso da tecnologia midiática para interagir com o espectador e instigá-lo a refletir sobre mudanças urgentes na sociedade.

O ativismo curatorial reverbera a necessidade de estudos perante arte ativista produzida para o público, por meio de tecnologias interativas, obras produzidas por artistas mulheres latino-americanas, e além de proporcionar maior visibilidade para tais artistas, gera uma gama de exemplos para mulheres e meninas que assim podem almejar a conquista de locais de prestígio, de liderança.

O projeto do Manual de Videoarte Vertical visa proporcionar a espectadoras, a participação na construção de um canal interseccional³ no qual podem expor suas perspectivas por meio de Videoartes que vierem a produzir e compartilhar na plataforma disponibilizada. Estreita-se, portanto, a conexão entre artista, obra e espectador, tendo a mídia e a tecnologia do vídeo como instrumentos de impacto e transformação social.

Justificativa

Na contemporaneidade, com tantos dispositivos diversificados para produzir arte, deve-se ser discutido as melhores formas de o fazer e como melhor atingir espectadores. A relevância do Ativismo Curatorial, se mostra através de estatísticas que identificam uma defasagem de diversidade de perspectivas tanto na arte quanto em outros âmbitos sócio culturais. Existe uma necessidade urgente de se pensar a arte de forma abrangente, que mostre vivências que modifiquem ambientes restritivos e elitistas.

Essa pesquisa constituirá mais um passo para o conhecimento de como se produz a videoarte ativista, para quê e para quem se produz. Por isso é essencial que se reforcem os

³Interseccionalidade: “Tem o objetivo de desfazer a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única. A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas. A interseccionalidade é uma sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isso é tão difícil engolir seus fluxos feitos mundo afora.” (AKOTIRENE, 2020)

estudos ativistas no meio artístico acadêmico pois é uma vertente que busca a mudança tanto do meio artístico quanto da sociedade, em questão de apresentar novos protagonismos nestes âmbitos.

Rancière (2009), em seus escritos, explica as relações entre estética e política e como a arte e as imagens fazem política ou deixam de fazer. O autor promove um estudo que amplia tais teorias para o âmbito tecnológico e videográfico ativista que podem abrir caminhos para novas investigações.

A pesquisa propõe o estudo das conexões entre Ativismo Curatorial e Videoarte, acerca da tecnologia criativa e interativa, como produto é sugerida a projeção e o desenvolvimento de um projeto expográfico curatorial em videoarte, que consiste em um Manual de Videoarte Vertical Interativo, pode desta forma validar as vertentes estudadas ao colocá-las em prática por meio de uma produção em tecnologia criativa e artemídia, com objetivo de agregar conhecimentos e pesquisas à linha 2 do PPGMiT, de Tecnologias Midiáticas.

O eixo temático deste projeto é contemplado por estéticas e técnicas da comunicação em interface com a Arte, referentes às teorias estético-filosóficas de Jacques Rancière, que além de apontar a partilha do sensível entre a estética e a política, investiga e desenvolve a emancipação do espectador, a atividade e passividade da imagem, quem produz as imagens, que meios tecnológicos usa e quem recebe as imagens. Proporciona, portanto, um estudo perante as interações humanas mediadas pela tecnologia, o que auxilia na construção de uma pesquisa que estuda a forma com que o Ativismo Curatorial se apropria do vídeo para impactar o espectador visando uma mudança na sociedade, para amplificação de protagonismo nestes âmbitos.

Objetivos

O objetivo geral da pesquisa é a criação de um Manual de Videoarte Vertical Ativista a partir da investigação da função do vídeo no Ativismo Curatorial.

E são três, os objetivos específicos, a saber: observar o vídeo como elemento potencializador da interatividade e cooperatividade entre artistas e espectadores; investigar e definir o conceito de Ativismo Curatorial, estudar e descrever a mostra videobrasil online no recorte temporal proposto, 2010-2020, por meio de um Ensaio, e por fim, propor um Manual de Videoarte Vertical de cunho ativista com o tema Arte do Vídeo, Tecnologia e Mídia produzidas por mulheres.

Estrutura do Trabalho

O trabalho de pesquisa e seus resultados está organizado e apresentado em três capítulos. O primeiro capítulo conta com uma breve introdução sobre a pesquisa a ser apresentada. No segundo capítulo é descrita a trajetória de investigação teórica anterior à produção do manual que é produto desta pesquisa, onde são demonstrados também exercícios curatoriais precedentes ao próprio manual. E no terceiro e último capítulo, um relato da produção do Manual de Videoarte Vertical Ativista que inclui: Projeto do Manual; Descrição detalhada do Processo de Criação; Conceito de Comum - interconexões, ativismo curatorial, tecnologia e o produto da pesquisa. Assim conclui-se o Relatório de Pesquisa ao relacionar brevemente a teoria investigada ao produto produzido.

CAPÍTULO 1

FUNDAMENTAÇÃO
TEÓRICA E
EXERCÍCIOS
CURATORIAIS

@videoarte _ ativista
SOFIA SARTORI DOS SANTOS

1.1. O Ativismo Curatorial frente à sociedade contemporânea

Para tratar do ativismo curatorial e a sua ação na sociedade contemporânea, elaboramos um breve estudo que aproxima o Ativismo Curatorial de Maura Reilly (2018) do conceito de Comuns de Anna Grear e David Bollier (2020). Os resultados apontam que na contemporaneidade a disseminação de conhecimento pode auxiliar na criação de espaços de mudança, na criação de *Comuns* partilhados. Ao relacionar os dois conceitos é possível pensar o Ativismo Curatorial como um Comum que pode gerar mudanças não apenas no ambiente artístico, mas também no mundo e na forma com que os indivíduos se veem e se relacionam.

A partir dessa proposta de aproximação, a pesquisa aborda a relevância das discussões sobre o ativismo curatorial na contemporaneidade associado ao pensamento e comportamento humano frente ao conceito de comunidade, coletividade e compartilhamento colaborativo de práticas e experiências ancoradas na conexão com a tecnologia, economia, meios de produção e consumo. Estes, por sua vez, se relacionam diretamente às ações de reflexão e conscientização propostas pela curadoria e pela arte contemporânea e o papel social e cultural destes atores do sistema da arte – curadoria e obra de arte.

Para tanto, e por meio das discussões levantadas por Anna Grear e David Bollier no livro *The Great Awakening* (2020) pode-se atentar para o momento social e político atual, caracterizado pelo conceito de:

Antropoceno, uma nova época que significa a humanidade mais do que viajante passiva no planeta Terra. O Antropoceno sinaliza a humanidade - produzindo efeitos comparáveis a grandes mudanças geológicas. (GREAR; BOLLIER, 2020, p.111, tradução nossa).

Os autores citados acima se referem a três movimentos do Antropoceno. Sintetizando, o primeiro movimento seria o impacto que os seres humanos causam no planeta, que foi tão grandioso a ponto de ser possível nomear uma era geológica graças a este impacto. O segundo representa a consciência que os indivíduos têm de que compõe uma espécie planetária com impactos planetários. E o terceiro movimento é referente a respostas planetárias reflexivas dos próprios indivíduos. O terceiro é um dos menos desenvolvidos, porém o mais crucial, já que pode viabilizar um futuro real a longo prazo.

A partir dessa necessidade de criação de respostas que causem mudanças no planeta como um todo, é apresentado o conceito de Comum (GREAR; BOLLIER, 2020), que anseia que a própria estrutura se modifique e encontre estratégias revolucionárias para poder assim

trazer os questionamentos políticos e sociais e as respectivas mudanças que a sociedade contemporânea requer.

Faz-se portanto, necessário uma análise da problemática global, baseada em uma pseudo abundância, e uma real escassez de recursos materiais, e esses dois pontos são agravados por uma organização econômica que produz cada vez mais desigualdades humanas. Assim sugerem: “Deve ser possível ter uma economia política que respeite a capacidade de suporte de nosso planeta e seja possível compartilhar os conhecimentos necessários para isso. Essas duas condições devem vir acompanhadas de formas econômicas que respeitem a justiça social”. (GREAR; BOLLIER, 2020, p.114, tradução nossa)

Para tanto, é sugerida, por Grear e Bollier, uma política enantiomorfa, na qual ama-se seus inimigos e aprende-se a conviver com os diferentes em harmonia. Uma nova política de governança baseada em bens comuns, na qual todos podem ser plebeus, participam da criação, proteção e manutenção de bens comuns que importam para si. Portanto, cada indivíduo deve refletir sobre como pode fazer parte desse todo, criar esses Comuns para colocar o terceiro momento do Antropoceno em prática, para uma mudança no futuro do planeta, no sentido de torna-lo habitável e harmônico ecologicamente, socialmente, politicamente, (dentre outros).

Como estratégia para viabilizar uma sociedade mais consciente e criadora de um futuro planeta que não seja destruído pela humanidade, antes de ações mais diretas e claramente efetivas, é necessário tornar o conhecimento comum a todos, disseminar a necessidade dessa consciência de lugar no mundo e de responsabilidade para com o mesmo.

Neste contexto, o Ativismo Curatorial, principalmente da perspectiva que Maura Reilly apresenta, tem como estratégia principal, a premissa de que todos os indivíduos envolvidos no ambiente artístico e curatorial devem trabalhar juntos com um mesmo propósito, de reparar as exclusões e preconceitos enraizados no sistema, para que a disseminação do conhecimento propicie uma sociedade mais empática e consciente, e que consiga reparar seus danos. Como Reilly elucida:

Precisamos agora - talvez mais do que nunca - sermos lembrados do perigo da supremacia masculina branca, de sua insidiosidade, e desenvolver táticas para combatê-la a cada passo. Devemos implantar estratégias para garantir que Outros artistas sejam reconhecidos como grandes contribuintes para nossa civilização e que eles ocupem seu lugar de direito ao lado dos “grandes” da história da arte. (REILLY, 2018, p.216, tradução nossa).

A partir da constatação de que propiciar um conhecimento comum pode gerar mudanças é declarada a importância de despertar a nível pessoal, compreender o próprio papel na transformação da sociedade ao longo do tempo e esse despertar está correlacionado à

conexão por meio da experiência pessoal, que pode gerar essa mudança social mais ampla da qual a pessoa faz parte.

O Ativismo Curatorial se equipara a essa ideologia, pois busca uma mudança da situação atual da sociedade (baseada em desigualdades sociais) por meio de arte política e da própria curadoria política, ativista e reparadora.

O terceiro movimento do Antropoceno, conforme destacamos acima, precisa essencialmente da consciência individual do que precisa ser feito e de uma subjetividade que é também uma consciência demonstrada por meio de uma comunhão, uma ação carregada de relacionamento, que é a criação e execução de Comuns na sociedade.

Assim conclui-se sobre o conceito de Comum,

Em um nível cultural, precisamos ‘deslizar para dentro’ e apoiar as comunidades e organizações que fornecem as plataformas emocionantes para comunhão e apoiar outras pessoas para fazer essa transição emocional e cultural. Economicamente, precisamos usar e desenvolver novas estratégias de mutualização que entrelaçam o re-localismo com o conhecimento global comum e a solidariedade - cosmo-localização. E politicamente, precisamos construir um protocolo comum que possa permitir que uma miríade de movimentos, organizações e comunidades vejam como eles/nós estão envolvidos nas Ecologias dos Comuns que fornecem tanto valor prático quanto a base para o fortalecimento humano (GREAR; BOLLIER, 2020, p.148, tradução nossa)

Maura Reilly elucida que a curadoria ativista existe para reafirmar artistas silenciados por serem contra-hegemônicos, traz luz à artistas mulheres, artistas negros, artistas não-europeus-americanos e artistas queer (REILLY, 2018).

A autora enfatiza que o momento de mudar é agora e que é essencial o enfrentamento dessas questões no âmbito artístico para que estratégias de mudança cultural e social por meio da arte sejam pensadas para que mudanças e soluções se deem, garantindo oportunidades e exposições igualitárias para os sujeitos e que um mundo mais justo possa existir.

A partir disso a autora sugere algumas estratégias de resistência, as quais destacamos a seguir (REILLY, 2018).

Primeiro o que Reilly nomeia de Revisionismo, que é uma forma de resgatar histórias não contadas e reescrever o cânone artístico, tendo como principal objetivo incorporar os que foram recusados, esquecidos ou escondidos. O problema do revisionismo, para a autora, é que ele não resolve todo o problema, é uma estratégia que existe há anos, mas não iguala totalmente o âmbito artístico. Porém não deixa de ser relevante, permite a criação de espaços dentro de instituições masculinas brancas e apresenta ao público uma perspectiva divergente do que é tido como convencional. “Os curadores conseguiram integrá-los ao cânone ocidental,

oferecendo assim uma visão mais ampla e abrangente da história da arte” (REILLY, 2018, p.25, tradução nossa)

A segunda estratégia apresentada pela referida autora é o Estudo sobre Áreas Específicas, o revisionismo, propõe integrar os recusados no próprio cânone, já o Estudo sobre Áreas Específicas visa produzir novos cânones, como por exemplo, exposições inteiras dedicadas a um assunto específico, “Mulheres Artistas”, “Arte Afro-Americana”, “Arte LGBTQ”, “Arte do Oriente Médio”, entre outros, em suma exposições não-brancas, masculinas ou ocidentais. A autora enfatiza que infelizmente ainda não se chegou em uma era que esse tipo de estratégia não precise existir, apesar de não ser ideal sua necessidade, é uma forma de correção curatorial.

Reilly fala também do Essencialismo Estratégico, conceito de Gayatri Spivak, discutido no livro “Em outras palavras: ensaios em políticas curatoriais” de 1987, e comenta:

No Essencialismo Estratégico, os “atributos específicos” são reconhecidos como uma construção - ou seja, o grupo (político), de forma um tanto paradoxal, reconhece que os atributos (preto, queer, mulher, por exemplo) não são intrinsecamente essenciais, mas são invocados se forem considerados estratégica e politicamente úteis. (REILLY, 2018, p.29 tradução nossa)

A terceira estratégia apontada por Reilly é fundamentada em uma proposta de Ella Shohat sobre como abordar no âmbito universitário o eurocentrismo e o sexismo, por meio da “Abordagem Relacional”. O principal objetivo dessa estratégia é a abolição da hierarquia e não a assimilação das questões específicas. Essa abordagem está interessada em uma diversidade de vozes falando e existindo ao mesmo tempo, em local de igualdade. As exposições não teriam nomes ou divisões referentes às suas especificidades, mas sim todas como arte contemporânea, assim como é feito com obras de artistas homens cisgêneros brancos. Segundo Reilly “é uma redefinição fundamental da prática da arte, transnacionalmente”(REILLY, 2018, p.30, tradução nossa)

Essa abordagem propõe uma arte polissêmica, com posições contraditórias e práticas contestadas. Propõe a escrita, criação de um novo âmbito, cria assim um novo comum composto por diálogos diversos.

Dessa forma, Reilly nos convida a colocar em prática as estratégias para mudança antes comentadas, ela compõe praticamente um manual, no qual lista 5 tópicos na forma de cinco capítulos do livro, e que chamam personalidades específicas e diz exatamente o que pode ser feito. A seguir, apresentamos uma síntese dos cinco tópicos.

1- Responsabilidade Curatorial: o que os curadores podem e devem fazer. O lugar destes é proporcionar aos espectadores a possibilidade de ver e compreender novas perspectivas da realidade que já conhecem, e não “mais do mesmo”. Ela encoraja a produção de exposições ativistas que resgatem obras desde 1970, para que se tenha certeza que os artistas não brancos, não homens, não heterossexuais estejam disponíveis tanto para a sociedade, para o público, como para a comunidade acadêmica, para os galeristas e curadores, para que essas obras estejam em local de igualdade em questão de representação nas exposições, não há desculpa para não incluir esses outros artistas (REILLY, 2018)

Segundo Reilly estamos em uma era posterior aos movimentos de mulheres, gays e direitos civis, porém os curadores continuam a produzir exposições que dizem abordar produções em arte internacionais contemporâneas e incluem apenas artistas homens brancos nessas curadorias. “Essas não são apenas questões do passado - práticas discriminatórias persistem hoje na maioria dos principais museus, listas de galerias e diferenciais de preços de leilão.” (REILLY, 2018, p.217, tradução nossa)

2- Perguntas Chave. Neste tópico Reilly apresenta o que pode-se fazer, “Como cada um de nós pode agir para garantir que mais vozes sejam incluídas?” (REILLY, 2018, p.217) Em primeiro lugar, precisa-se estar ciente do próprio lugar na sociedade. E assim ela levanta o questionamento, como fazer o indivíduo se sensibilizar a ponto de gerar algum tipo de ação. Nesse quesito a autora pode ser relacionada à teoria de Jacques Rancière, do Espectador Emancipado (2010), que por meio da Imagem Pensativa da arte reflete e gera uma potência de mudança na sociedade. A autora diz que é utópico acreditar que a igualdade será atingida por completo, em um mundo que quem tem privilégios não quer abrir mão dos mesmos. É necessário desaprender o racismo e o sexismo, como um todo, para que os sistemas possam ser modificados algum dia. (REILLY, 2018)

3- Representação em Galerias, qual o papel das galerias, qual a responsabilidade que elas, os curadores de arte e os colecionadores devem se atentar? Devem ser mais pró ativos e representar outros artistas. Ao reportar e disseminar as práticas discriminatórias dessas personalidades, as Guerrilla Girls, Gallery Tally, East London Fawsett (ELF) e Pussy Galore estão responsabilizando galerias ofensivas. Os colecionadores têm poder aquisitivo para causar uma mudança nesse âmbito, exigindo uma seleção mais ampla do que a oferecida pelos galeristas, estimulando que as galerias promovam mais artistas para aumentar suas vendas (REILLY, 2018).

Apesar de uma hierarquia ainda existir, o progresso pode ser evidenciado em algumas áreas, Reilly destaca iniciativas filantrópicas que apoiam mulheres artistas,

Como a Fundação Barbara Lee, que financia exposições; ou Valeria Napoleone XX, que fornece presentes e financia novos trabalhos; ou o prêmio de Elisabeth Murdoch para artistas femininas; ou o Centro de Arte Feminista de Elizabeth Sackler no Museu no Brooklin. Essas iniciativas podem e farão a diferença para mulheres artistas. (REILLY, 2018, p.220, tradução nossa)

4- Representação na mídia. Reilly ressalta além da importância da aparição na mídia, a urgência de pesquisas acerca destes outros assuntos, que são mantidos em baixa estima pela imprensa de arte. Críticos e escritores de arte devem se atentar a quem estão promovendo com suas criações. Os editores devem se tornar presentes no impedimento de declarações abertas de sexismo e racismo em suas páginas. A crítica de arte define que tipo de arte será considerada como parte essencial do cânone. (REILLY, 2018).

5- Falando de volta. Para este último capítulo a autora traz os argumentos de Bell Hooks, que propõe que cada um seja receptivo à autocrítica, para a criação de um futuro transformado, indagando por si só seu trabalho tanto esteticamente quanto politicamente, a chave é ser vigilante ao invés de negar a responsabilidade. (REILLY, 2018).

O criador e artista deve ser proativo para que possa existir uma mudança. Os artistas precisam aprender a criar problemas, Bell Hooks diz: “Falar, não é apenas uma expressão de poder criativo; é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que nos tornaria sem nome e sem voz” (REILLY, 2018, p.224-225, tradução nossa) e assim Reilly finaliza a fala de Bell, “Responder é libertar a própria voz.”

Responder a todo esse contexto é a solução para ele mesmo, continuar fazendo barulho e agitando as discussões, para que mais pessoas prestem atenção nesses problemas. Que essas estatísticas possam mostrar a quem acredita que está tudo bem, que ainda existem as práticas discriminatórias.

Reilly defende que:

Agora é a hora de trabalharmos juntos para mudar o que é uma situação horrível para outros artistas. Em vez de dar desculpas, negar estatísticas ou fugir das desigualdades de gênero, raça e sexualidade, devemos enfrentar essas questões de frente para chegar a estratégias e soluções que garantam oportunidades e exposição iguais. Com um pouco mais de energia e ação, a criação de um mundo de arte justo não precisa ser uma quimera (REILLY, 2018, p.225 tradução nossa).

Cabe ressaltar que a fundamentação conceitual permitiu encontrar similaridades acerca das técnicas de sensibilização de indivíduos de forma pessoal, de forma a causar uma mudança na sociedade com base nessas comoções e conexões. A partir do conhecimento e reconhecimento de cada um desses autores, ambos os textos sugerem situações colaborativas

nas quais esses grupos de pessoas trabalhem juntos para gerar mudanças efetivas no planeta, e isso contribuiu com as reflexões propostas por esta pesquisa

As leituras para a fundamentação de base aqui apresentada nos levam a acreditar que na contemporaneidade a disseminação de conhecimento pode auxiliar na criação de espaços de mudança, na criação de Comuns compartilhados que visam um futuro diferente. O Ativismo Curatorial, além de ser relevante para um resgate de histórias negligenciadas, pode funcionar como um Comum, para perpetuar essa ideia de igualdade no sistema artístico. Ao relacionar esses dois textos é possível pensar o Ativismo Curatorial como um Comum que pode gerar mudanças não apenas no ambiente artístico, mas também no mundo e na forma com que os indivíduos se veem e se relacionam.

1.2. Ativismo Curatorial: Vídeo, artemídia e Tecnologia na América Latina - videobrasil online - ensaio comentado

O que apresentamos neste subitem da fundamentação de base está diretamente associado a um aspecto da pesquisa que buscou compreender como o vídeo, associado a artemídia, participa do ativismo curatorial em exposições na América Latina. Visa conhecer o cenário que envolve as curadorias de cunho ativista envolvendo videoarte, somadas à investigação de formas inovadoras de curadorias que compõem expografias potencializadas pela tecnologia. Esse subcapítulo é derivado do artigo intitulado Ativismo Curatorial: vídeo, artemídia e tecnologia na América Latina (SANTOS e SARZI-RIBEIRO, 2021) escrito para o evento IV Jornada Internacional GEMInIS JIG'2021, composto por um estudo acerca dos Festivais de Arte Contemporânea incentivados pelo Videobrasil e pelo SESC São Paulo com o recorte temporal entre 2010 e 2020.

O texto a seguir é composto de elementos que constituem as reflexões de base como:

1. em que medida é possível destacar estratégias sugeridas por Maura Reilly (2018) perante Ativismo Curatorial;
2. como os festivais reforçam a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras, com base nas teorias de Grear e Bollier (2020) e Zulma Palermo (2014);
3. qual a relevância do vídeo e da tecnologia nesses festivais com fundamentação em Arlindo Machado (2007);
4. como o indivíduo pode ser transformado por meio da conexão com tais vivências proporcionadas pelos Festivais Sesc_Videobrasil, com respaldo da teoria de Espectador Emancipado do filósofo Jacques Rancière (2010).

São apresentados aspectos em que os Festivais promovidos pelo Videobrasil e pelo Sesc se equiparam ao Ativismo Curatorial, da perspectiva de Maura Reilly. A parceria entre o Videobrasil e o Sesc contribui para a criação de um novo cânone que evidencia o Sul Geopolítico.

Sobre o 17º Festival do Videobrasil, que aconteceu em 2011, Sarzi-Ribeiro e Santos afirmam que:

[...] tem-se a definição de que ele tem o papel de vitrine privilegiada para a produção do sul geopolítico do mundo, com obras de 101 artistas da América Latina, África, Leste Europeu, Oriente Médio, Ásia e Oceania, ele torna-se o primeiro festival de arte contemporânea do país. Ao proporcionar esse local de destaque para o sul geopolítico do mundo, identificou-se a desigualdade no âmbito artístico e trabalha-se para uma melhora em tal questão. (SANTOS e SARZI-RIBEIRO, 2021, p. 02).

Maura Reilly afirma que o Ativismo Curatorial precisa existir para movimentar as mudanças que são necessárias ao mundo artístico:

[...] uma curadoria inteligente. Sua prática é enraizada na ética e, como tal, suas exposições funcionam como corretivas curatoriais para a exclusão de Outros Artistas das narrativas mestras da história da arte e da própria cena da arte contemporânea. (REILLY, 2018, p.215, tradução nossa).

É possível notar que o Videobrasil tem como objetivo resgatar e evidenciar artistas do Sul Geopolítico, e como Reilly diz, podemos considerar que a mostra também funciona como uma “corretiva curatorial” pois se preocupa com a formação no âmbito do circuito sul e é aberto a todas as linguagens artísticas.

O Ativismo Curatorial, principalmente da perspectiva que Maura Reilly apresenta, tem como estratégia a premissa de que todos os indivíduos envolvidos no ambiente artístico e curatorial devem trabalhar juntos com um mesmo propósito, de reparar as exclusões e preconceitos enraizados no sistema, para que a disseminação do conhecimento propicie uma sociedade mais empática e consciente, e que consiga reparar seus danos.

O Festival, assim como Maura Reilly, tem como estratégia a união dos indivíduos do cânone artístico para atentar-se a produção do Sul Geopolítico, e busca reparar exclusões e preconceitos enraizados no sistema por meio de exposições, seminários e espaços de formação do cidadão.

A autora sugere algumas estratégias de resistência, dentre essas observa-se em quais momentos é possível correlacionar tais estratégias com as edições investigadas do Festival. Entre as estratégias de resistência tem-se o Revisionismo, o Estudo sobre Áreas Específicas e a Abordagem Relacional.

O Revisionismo resgata histórias não contadas e reescreve o cânone artístico, incorpora os que foram recusados, esquecidos ou escondidos. Permite a criação de espaços dentro de instituições masculinas brancas e apresenta ao público uma perspectiva divergente do que é tido como convencional. O Estudo sobre Áreas Específicas visa a produção de novos cânones, exposições inteiras dedicadas a um assunto específico, uma forma de correção curatorial. E por fim a Abordagem Relacional, busca a abolição da hierarquia e a não assimilação das questões específicas, mas coletivas. Uma diversidade de vozes falando e existindo ao mesmo tempo em local de igualdade. Todas como arte contemporânea.

Essa última abordagem propõe uma arte polissêmica, com posições contraditórias e práticas contestadas. Propõe a escrita, criação de um novo âmbito, cria assim um novo comum composto por diálogos diversos.

A criação do Festival “Panoramas do Sul” pela Associação Cultural Videobrasil, se encaixa especificamente no Estudo de Áreas Específicas que Maura Reilly apresenta, pois viabiliza uma nova perspectiva. Com a organização do Videobrasil e do SESC, um acervo voltado ao Sul Geopolítico foi criado e pensando principalmente no resgate e na valorização das produções artísticas desse recorte.

O Videobrasil dedica-se, portanto, à promoção de uma série de festivais a um local geopolítico específico, que aborda diversos temas e passa a produzir o festival no âmbito da arte contemporânea tornando-o tão relevante quanto outros festivais internacionais. Se aproxima, dessa forma, da terceira estratégia proposta por Reilly, a Abordagem Relacional, que prega a abolição da hierarquia ao invés da assimilação das áreas específicas, uma diversidade de vozes falando e existindo ao mesmo tempo em local de igualdade. Assim, todos são considerados Arte Contemporânea.

Os festivais do Videobrasil, entre os anos de 2010 e 2020 mesclam eximamente os Estudos sobre Áreas Específicas e a Abordagem Relacional apresentados por Reilly, que volta ao Revisionismo quando fundamental.

Nesse momento faz-se necessário dar atenção a cada festival produzido durante essa década e uma identificação de quais estratégias podem ser encontradas em cada um. Os dados foram retirados do site da Associação Cultural Videobrasil, que contém um acervo dos festivais produzidos.

No 17º Festival “Panoramas do Sul” - 30/09/2011-20/01/2012 - foram produzidos seminários que discutiram hipóteses curatoriais e editoriais, articulações em rede e proposições voltadas para a formação no âmbito do circuito sul. A criação desse espaço de seminários é um feito que espelha o Revisionismo, que Reilly sugere, por meio da formação fundamentada na

localização geopolítica do circuito sul, resgata histórias que não fazem parte do cânone artístico. Promove um espaço específico de discussão dentro de festivais internacionais, por contar com produções de diversos países, têm seu alcance amplificado e apresenta ao público uma perspectiva divergente.

Ao criar esses festivais com o título de Panoramas do Sul, o Videobrasil abre um novo cânone específico para esse local geográfico e assemelha-se ao Estudo sobre Áreas Específicas que Reilly apresenta, onde são realizados Festivais inteiros dedicados a corrigir a falta de reflexão perante assuntos específicos.

Um dos seminários do 17º Festival (2011), Experimentando arte contemporânea, tem foco no aspecto educativo e discute as estratégias da curadoria educativa do festival, que busca ampliar a compreensão do público e explorar o potencial formador da arte. Assim a exposição é um lugar de formação do cidadão. Em tal configuração, ao tomar o conceito de arte contemporânea para o festival, mesmo utilizando nomenclaturas como circuito sul e sul geopolítico, a organização aproxima-se da Abordagem Relacional sugerida por Reilly, pois auxilia na abolição de hierarquias, prioriza a diversidade de vozes em local de igualdade, e apresenta todas como arte contemporânea.

Já outro seminário desta mesma edição do festival, Reflexões sobre arte contemporânea, visa ampliar as reflexões em torno do sistema artístico contemporâneo no contexto do circuito Sul do mundo. Investiga casos que apresentam a arte como terreno de formação do cidadão, instituições à margem do circuito da arte e estratégias curatoriais e editoriais. Estimula reflexões em indivíduos que não necessariamente tiveram contato com essa ideologia, de que tal local geopolítico também produz arte contemporânea, tanto quanto locais já considerados canônicos dentro do âmbito artístico.

O 18º Festival “Panoramas do Sul 30 anos” - 06/11/2013-02/02/2014 - como o anterior, também é dedicado à produção do Sul Geopolítico. A mostra competitiva deste festival pretendeu um mapeamento de temas, poéticas, discursos, procedimentos e estratégias que caracterizam a produção contemporânea do circuito Sul. O que pode se equiparar a estratégia de Estudo de Áreas Específicas, pois produz uma exposição inteira com esse mesmo propósito geopolítico. Nesta edição, a exposição foi montada com base nos 30 anos de existência do festival. Por ter esse viés de resgate da história do evento, se equipara a estratégia de revisionismo da autora, auxilia na retomada de um cânone artístico que desde seu início busca a incorporação dos que foram recusados, esquecidos ou escondidos devido a sua posição geopolítica.

Também são apontados aspectos que se assemelham à Abordagem Relacional anteriormente citada. Dentre os focos desse festival é discutido como o design dialoga com as narrativas propostas pelas exposições, contribuindo para a renovação de estratégias de exibição do vídeo em diálogo com outras linguagens artísticas, ressalta assim a relevância do festival para a arte contemporânea, independentemente de ser de um tema voltado para regiões menos valorizadas no cânone artístico. Da mesma forma que o festival se declara como plataforma ampla, que contribui para estabelecer, no campo da arte, uma identidade construída a partir do vídeo, ao longo de trinta anos.

Já no 19º Festival (2015) é possível destacar relações tanto com o Estudo sobre Áreas Específicas quanto com a Abordagem Relacional. Reitera-se que o estudo sobre áreas específicas visa produzir novos cânones, como por exemplo, exposições inteiras dedicadas a um assunto específico, “Mulheres Artistas”, “Arte Afro-Americana”, “Arte LGBTQ”, “Arte do Oriente Médio”, entre outros, em suma exposições não brancas, masculinas ou ocidentais.

Apesar de evidenciar diversas características específicas, a referida edição do Festival se volta ao estudo de áreas específicas, repetidamente afirmam ser um festival de arte contemporânea múltiplo, que é o que a Abordagem Relacional destaca de importância, a abolição de hierarquias, igualdade para as diversas vozes falarem ao mesmo tempo, todas como arte contemporânea.

Assim o festival proporciona um panorama instigante das estratégias, contra narrativas e indagações que muitas vezes em sutil sintonia, artistas e trajetórias mais ou menos consolidadas mobilizam para confrontar a realidade contemporânea. Dessa forma é possível notar o viés de estudo sobre áreas específicas frente ao todo contemporâneo, mesmo ocupando esse local de festival contemporâneo, o mesmo reforça a necessidade de outras narrativas e outras experiências que não estão presentes necessariamente na arte contemporânea.

Tal iniciativa visa, ainda, fomentar o encontro de diferentes públicos para debates, trocas de saberes e a fruição cultural como pressupostos para desencadear um processo reflexivo, em deliberada oposição ao conformismo e à indiferença que podem anestesiar os movimentos de transformação social. Portanto, pode-se notar a necessidade que o festival apresenta de modificar o âmbito artístico da melhor maneira possível, e viabilizar novas reflexões.

Este festival proporcionou um workshop “Lambada e o corpo social” com o artista Carlos Monroy, que gerou reflexões sobre origem, mestiçagem cultural e construção folclórica, que pode se equiparar aos estudos de áreas específicas anteriormente mencionados.

No 20º Festival, “Panoramas do Sul” - 03/10/2017-14/01/2018 - também é possível salientar aspectos do Estudo sobre Áreas Específicas e da Abordagem Relacional. Nesta edição iniciam a apresentação atentando para o consenso da arte contemporânea em tempos instáveis, selecionam artistas que trazem à tona o desejo da arte em ampliar as concepções de mundo, abrangem o estudo da vida, de origens, da evolução do universo, das dinâmicas de grupos sociais ao longo da história, bem como a invenção de novas formas de fazer político. Com uma fala como essa, a curadora Solange Farkas introduz o festival como âmbito comum da arte contemporânea, e utiliza-se deste âmbito para reafirmar assuntos essenciais que além de serem recorrentes na arte contemporânea ainda precisam de reconhecimento.

Assim em uma aula aberta, sobre Reinvenção e Resistência com Ana Pato e Márcio Seligmann, o festival aborda um Estudo sobre Áreas Específicas, quando discute processos de perpetuação da violência, a produção de um contra discurso às narrativas históricas oficiais, a questão de representação e o desejo de criar memória a partir da reintegração, no presente, de histórias obliteradas.

Um festival estabelecido há mais de três décadas no Brasil, de teor internacional, cria o 21º Festival, Panoramas do Sul - Comunidades Imaginadas - 09/10/2019-02/02/2020. E assim deixa a abordagem de temas diversificados, para focar em assuntos específicos. As comunidades imaginadas em questão são “[...] comunidades sem estado, povos originários, comunidades religiosas de seus territórios originais, comunidades fictícias, utópicas, clandestinas ou aquelas constituídas nos universos subterrâneos de vivências sexuais e corpos dissidentes” (VIDEOBRASIL, 2019)

Essa edição é composta por diversos Estudos sobre Áreas Específicas, de extrema urgência. A exposição joias africanas reúne joalherias de três povos da África Ocidental que deixam marcas indeléveis na cultura brasileira: iorubanas da Nigéria, ashati de Gana e da cultura fon do atual Benin. A seleção de capas do Jornal LGBTQI+ “SNOB”, que são apresentadas em uma exposição refletindo o pioneirismo do jornal e como se deram suas transformações. A performance “#resista” na qual os artistas ensinam o público a escrever com o assoalho pélvico a palavra resista e marcham pela rampa do Sesc 24 de maio. A obra “Tela bordada”, na qual mulheres produzem um objeto carregado de sentido, por meio de um trabalho manual e coletivo, executam sobre traços materiais da violência. “The last harvest” é uma ação que alude às tensões entre o escravizado, ansioso por se libertar, e o escravizador, que tenta impedi-lo. Aqui o performer Aphiwe Livi toma o seu lugar.

O Baile das Gayrotas, que é uma espécie de microfone aberto no qual todos e todas podem ser drag, independente de quem for. Experimento Poupatempo LGBTQI+, que oferece

atendimento à população trans, com serviços de retificação de nome, confecção e impressão de currículo e apoio às vítimas de violência. E por fim o “Parque de Diversões” que é um processo de formação por meio de jogos que relacionam gênero e identidade LGBTQI+ às leis que regem os corpos no espaço público, sejam oficiais ou apenas fixadas por tradições.

Nessa última edição, o festival não teve receio de salientar as questões mais urgentes na contemporaneidade e falou menos de seu aspecto contemporâneo de forma geral, se atentou às causas específicas para que essas sejam escutadas.

Após a investigação de quais aspectos das estratégias de Ativismo Curatorial que Maura Reilly apresenta se mostram presentes nos Festivais Videobrasil, dentro do recorte temporal proposto – 2010 a 2020, estudou-se como o festival reforça a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras.

A fundamentação teórica desse aspecto investigado baseia-se nas teorias apresentadas por Grear e Bollier (2020) e compara-se as teorias de Antropoceno e Comuns à plataforma dos Festivais promovidos pelo Videobrasil e pelo SESC São Paulo. .

Os Festivais compõem um âmbito propício para novas abordagens e mudanças no cânone artístico, tomando consciência de que o Antropoceno é a atualidade que se vive, consiste em propor mudanças e estratégias que possam reverter a situação atual de desigualdade e exclusão relacionadas a gênero, classe e raça.

Sintetizando, o primeiro movimento do Antropoceno seria o impacto que os seres humanos causam no planeta, que foi tão grandioso a ponto de ser possível nomear uma era geológica graças a esta repercussão. O segundo representa a consciência que os indivíduos têm de que compõem uma espécie planetária com consequências planetárias. E o terceiro movimento é referente a respostas planetárias reflexivas dos próprios indivíduos. O terceiro é um dos menos desenvolvidos, porém o mais crucial, pois é o que pode viabilizar um futuro real a longo prazo.

O conceito de Comum é derivado do terceiro movimento do Antropoceno, pois consiste em uma resposta reflexiva dos próprios indivíduos (GREAR; BOLLIER, 2020), que anseiam que a própria estrutura se modifique e encontre estratégias revolucionárias para poder assim trazer os questionamentos políticos e sociais e as necessidades de mudança que a sociedade contemporânea requer. Dessa forma equipara-se a teoria aos Festivais promovidos entre os anos de 2010 e 2020, que auxiliaram a construção de um âmbito plural para o cânone artístico, e tem como premissa a localização geopolítica de circuito sul, e tem alcance internacional, incluindo locais como: América Latina, África, Leste Europeu, Oriente Médio, Ásia e Oceania.

São diversas regiões com o propósito de resgatar histórias artísticas, dar visibilidade para artistas e questões marginalizadas que são urgentes. Durante sua existência, e principalmente dentre os dez anos aqui estudados, os Festivais proporcionam um âmbito que mostra e viabiliza meios de ser descolonial, se tornar descolonial e aprender e vivenciar novas visões de mundo.

Com o olhar voltado para a opção descolonial, ele concebe a arte latino-americana a partir de uma posição política e ética para propor uma “pedagogia decolonial”, ou seja, “uma pedagogia que nos estimulem a refletir sobre as diferenças inerentes a esses povos com genealogias.” (...) “Ou seja, “descentralizar as lógicas estabelecidas para buscar nas profundezas das culturas - neste caso indígenas e afrodescendentes - as chaves de formas organizacionais, produtivas, alimentares, rituais e estéticas que permitem que a vida seja dignificada e reinventada para permanecer transformadora.”(PALERMO, 2014, p.16)

Assim, os festivais se mostram um local transformador, nomeados “Panoramas do Sul” eles visam dar voz a esse local Geopolítico, dão oportunidades a artistas de locais que não costumam ser considerados ou apresentados em exposições, conforme Reilly apresenta também em seu livro (REILLY, 2018), fazem exposições que resgatam histórias não contadas, produzem seminários e formações com tais temáticas para que o espectador tenha um contato diferenciado e possa vivenciar a transformação caso esteja aberto.

O recorte temático da pesquisa de mestrado investiga as interconexões entre vídeo, artemídia e tecnologia dentro do ativismo curatorial, dessa forma estuda-se como o vídeo faz parte dos Festivais Sesc_Videobrasil, levando em consideração as teorias de Arlindo Machado acerca da Videoarte.

O site da Associação Cultural Videobrasil proporciona um diversificado acervo de obras, textos e diversas informações tanto sobre os festivais quanto sobre outros eventos produzidos pela Associação. Dessa forma pode-se dizer que a internet e essa plataforma viabilizam o acesso do público a um âmbito artístico diverso e específico do Sul Geopolítico. Arlindo diz que o vídeo, assim como outras tecnologias, passou a ser um meio de apresentar novos pensamentos, “No painel vivenciado nos anos 60 pela inserção do vídeo no universo da arte, é possível detectar a introdução de novas formas de pensar o tempo e o espaço a partir do meio eletrônico” (MACHADO, 2007, p.141)

Ainda salienta como artistas, por meio das tecnologias podem criar situações inusitadas que possam gerar reflexões:

A que estratégias recorrem os artistas que lidam com o vídeo para dar conta das abordagens em que se insere o corpo contemporâneo? De que diferentes

maneiras as tecnologias possibilitam campos diferenciados de observação e são capazes de gerar formas simbólicas que reflitam isso? situações inusitadas que remetem à destruição da noção de um corpo meramente passivo e apontam para a urgência de um corpo ativo, que intervém de forma crítica e desloca de modo subjetivo o eixo de discussões até então não previstas por essas novas realidades (MACHADO, 2007, p.143)

O autor, por fim, mostra como os meios digitais estreitam a relação espectador e criador, de diversificadas maneiras, o que pode ser notado nos Festivais Sesc_Videobrasil, unem formas artísticas, envoltas de variadas tecnologias que embaralham as predefinições de artista e observador, geram um espaço de potencialidade por meio da tecnologia viabilizadora de transformação social e do cânone artístico. “Com base nos recursos oferecidos pelos meios digitais, as experiências de arte intensificam a partilha do gesto criador com o próprio espectador, de forma simultânea, presencial e em tempo real” (MACHADO, 2007, p.146)

De acordo com Rancière, o artista pode pensar sua produção com o objetivo de criar e incentivar um espectador ativo e influenciar essa transposição urgente da passividade para a atividade. Assim ele exemplifica como essa transposição pode acontecer,

A pensatividade da imagem é então esta relação entre duas operações que coloca a forma demasiado pura ou acontecimento demasiado carregado de realidade fora de si mesmos. Por um lado, a forma desta relação é determinada pelo artista. Mas, por outro lado, é o espectador sozinho que pode fixar a medida da relação, é apenas o seu olhar que dá realidade ao equilíbrio entre as metamorfoses da “matéria” informacional e a encenação da história de um século. (RANCIÈRE, 2010, p.186)

Assim como a realidade é incorporada por meio da imagem em movimento e do reconhecimento daquelas imagens como reais, vividas e experienciadas. As imagens no vídeo são apresentações do real corporificadas e não representações do real, portanto compõem um aparato tecnológico relevante para um projeto curatorial ativista. O uso de tecnologias para a emancipação de espectadores por meio da arte evidencia a essencialidade de imagens pensativas:

A arte da era estética não deixou de apostar na possibilidade que cada médium podia oferecer de misturar os seus efeitos com os efeitos dos outros, de assumir o seu papel e de criar assim figuras novas, despertando possibilidades sensíveis que tinham sido esgotadas. As técnicas e os suportes novos oferecem a tais metamorfoses possibilidades inéditas. A imagem não deixará tão depressa de ser pensativa (RANCIÈRE, p. 189-190, 2010).

Os resultados revelam curadorias a partir das quais o vídeo e a tecnologia participam do ativismo curatorial, desempenhando papel social, educativo e de enfrentamento das

desigualdades. A participação do vídeo em questões sociais remonta a origem da arte do vídeo, conforme atesta Sarzi Ribeiro:

Nos anos de 1960, a comercialização da televisão levou um grande número de pessoas ao contato com imagens antes vistas somente nas telas do cinema, em noticiários ou pequenas peças comerciais. [...] Estes e outros fatores contribuem para o cenário cultural tumultuado no qual surge a videoarte: as revoluções políticas, as revoltas estudantis em Paris e Nova York, a revolução sexual em muitas partes do mundo, as crises econômicas e sociais, a indústria cultural e a industrialização de produtos em geral (SARZI RIBEIRO, 2013, p.89).

Ainda sobre a origem da arte do vídeo e sua participação na ação de movimentos sociais e políticos relatam Lacerda e Ribeiro:

Outro campo de experimentação foi a edição e montagem do vídeo capaz de provocar sensações no espectador. Ao longo do tempo as imagens eletrônicas também foram se modificando, expandindo ainda mais as possibilidades de construção de narrativas intimistas. As artes midiáticas em sua maioria esmagadora estão muito ligadas aos contextos em que emergiram, aos movimentos sociais e políticos. (LACERDA e RIBEIRO, 2019, p.73)

No contexto do estudo em questão, apresenta-se inicialmente as correlações entre as estratégias que Maura Reilly(2018) sugere frente ao ativismo curatorial, e os Festivais Sesc_Videobrasil entre os anos de 2010 e 2020, pode-se notar que as estratégias mais utilizadas são a de Estudo sobre Áreas Específicas e a Abordagem Relacional. Frente a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras, pode-se notar a relevância dos festivais meio à realidade contemporânea que requer mudanças urgentemente, com respaldo das teorias de Zulma Palermo(2014) e Grear e Bollier (2020) pode-se notar que os Festivais criam um ambiente comum e diverso com exposições, mostras competitivas, seminários e formações que visam a reflexão dos indivíduos participantes.

O vídeo e a tecnologia compõem os festivais como facilitadores, aparatos estratégicos que viabilizam e aproximam o espectador tanto dos artistas quanto das próprias obras e reflexões sugeridas, para que possam ser beneficiados pela conexão com esse âmbito de forma potencializada. Reforça-se, portanto, a necessidade de pesquisas e incentivos a Festivais e Plataformas com esses vieses, para que a arte possa viabilizar espaços transformadores, para uma mudança exponencial e contínua, associando-se à mídia e à tecnologia, e sobretudo ao vídeo como aparato de reflexão e expressão social, política e cultural.

1.3. Exercício Curatorial - Mostra Ativista Colaborativa Online - emancipar o espectador e criar o Comum

Existe uma necessidade de criar novos comuns em nossa sociedade, de forma que as questões de gênero possam fomentar reflexões perante a sociedade, para que realmente haja alguma mudança, como propõe a ODS 5 (que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas). Propõe-se então uma forma de traduzir as problemáticas sociais citadas anteriormente por meio de obras em vídeo que já abordam tais assuntos. Sugere-se uma Mostra Ativista Colaborativa Online que cria um âmbito seguro e íntimo para os espectadores interagirem com obras selecionadas e escolherem como elas seriam dispostas e quais mais se relacionam perante a visão de cada um.

Com o propósito de criar uma Mostra Colaborativa Online, uma plataforma com base no banco de dados do Videobrasil online que abordam as questões de gênero, a vulnerabilidade de mulheres, a cultura do estupro e a lesbo-homofobia. Ao observar o banco de dados, o indivíduo que entrar no site seleciona quais obras farão parte da sua exposição, o que é publicado posteriormente no próprio site.

A plataforma é composta por uma junção de combinações e curadorias diversas, unidas pela temática apontada acima.

O embasamento conceitual se deu a partir das teorias de Ativismo Curatorial de Maura Reilly (2018), Antropoceno e o conceito de Comum de Anna Grear e David Bollier (2020), o conceito de Espectador Emancipado Jacques Rancière (2010) e o Manifesto do Movimento Maker de Mark Hatch (2013). A história da arte ao longo dos anos priorizou artistas hegemônicos, indivíduos privilegiados, em sua maioria homens brancos e héteros. Maura Reilly elucida que a Curadoria Ativista existe para reafirmar artistas silenciados por serem contra hegemônicos, traz luz à artistas mulheres, artistas negros, artistas não-europeus-americanos e artistas queer.

A autora acima supracitada enfatiza que o momento de mudar é agora e que é essencial o enfrentamento dessas questões no âmbito artístico para que estratégias sejam pensadas e que mudanças e soluções se deem, garantindo oportunidades e exposições iguais, e que um mundo mais justo possa existir. O conceito de Comum, apresentado pelo livro *The Great Awakening* (2020) organizado por Anna Grear e David Bollier, anseia que a própria estrutura se modifique e encontre estratégias revolucionárias para poder assim trazer os questionamentos políticos e

as necessidades de mudança que a sociedade contemporânea requer, este artigo apresenta uma alternativa para construir um Comum gerador de mudanças no ambiente curatorial.

Ao proporcionar esse ambiente interativo, acreditamos que é possível apresentar ao espectador uma nova forma de refletir a arte junto à tecnologia, um site no qual ele/ela terá a liberdade de escolher quais obras se encaixam em seus interesses e poderá compor a própria plataforma com um fragmento de si. Jacques Rancière afirma que ao produzir imagens pensativas, que necessitam da reflexão do indivíduo receptor, cria-se uma interação potencializada, na qual a obra de arte gera pensamentos sobre o assunto que o artista em questão gostaria de enfatizar. Portanto, a produção dessa plataforma visa não somente uma exposição de obras em vídeo com uma temática de gênero, mas também um local no qual o espectador se sinta confortável. Com isso, cria-se um Comum no qual o indivíduo consegue olhar as obras de arte em vídeo de perto e escolher o que mais acredita ser pertinente para si, e assim é composta uma Mostra Ativista Colaborativa Online, que revoluciona a forma com que se vê e se percebe arte.

É possível identificar a desigualdade de gênero no âmbito artístico, Maura Reilly elucida que o Ativismo Curatorial precisa existir para movimentar as mudanças que são necessárias a esse cânone.

Busca-se investigar estratégias que permitam mudanças no âmbito artístico, e incentivem indivíduos externos a esse meio, tanto quanto indivíduos que já pertençam a tal contexto. Reilly apresenta em seu livro formas com que cada segmento pode agir para que as artes possam auxiliar em mudanças na sociedade, assim esse projeto visa ser uma ramificação de tais tentativas, rumo a transformações planetárias.

Para tal são feitas costuras entre conceitos contemporâneos: Antropoceno e Comum, do texto *The Great Awakening* de Anna Grear e David Bollier; o Manifesto do Movimento Maker de Mark Hatch e seus objetivos também compõe parte da motivação para a proposta; a visão de Ativismo Curatorial de Maura Reilly, que auxiliou na definição de quais estratégias podem ser tomadas no âmbito curatorial, ao buscar uma alternativa para desigualdades presentes em tal contexto; o que acarretou também o recorte temático referente ao ODS 5 que tem como objetivo a igualdade de gênero; e por fim a teoria filosófica de Jacques Rancière que apresenta a necessidade de reflexão sobre como a obra de arte pode estimular uma atividade, uma participação, por parte do espectador. Assim é respaldada uma forma de abordar a Curadoria Ativista de forma intimista com o espectador.

Esperamos que a produção de uma plataforma online que proporciona uma Mostra Ativista Colaborativa, possa ser a criadora de um ambiente propício para a emancipação do

espectador e atue na criação de um Comum. E de igual forma, ao aproximarmos o Ativismo Curatorial (Maura Reilly, 2018), The Great Awakening (Anna Grear e David Bollier, 2020), a Agenda de 2030 da ONU, e por fim o Espectador Emancipado (Jacques Rancière, 2010), visando fundamentar a criação de uma plataforma que propicie um ambiente de Comum, foi produzido um site que visa abordar o recorte temático do ODS 5 que tem como objetivo alcançar Igualdade de Gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, por meio de obras em vídeo que aborda tais assuntos, de uma forma que a espectadora possa ter contato com tais temáticas e criar a sua própria Curadoria Ativista, apresenta sua perspectiva única e pessoal.

Após o embasamento teórico chegou-se à proposta de criação de uma plataforma que tem como objetivo colocar em prática as teorias citadas anteriormente. Assim foi idealizado um site que tem uma coletânea de vídeos (advindos do acervo do Videobrasil Online) que discutem a temática de gênero, realizando, portanto, um recorte temático baseado no ODS 5. E que dessa coletânea inicial, o espectador é convidado a criar sua própria Curadoria Ativista, selecionando quatro obras de sua escolha, de forma intuitiva, e posteriormente sua seleção é postada na aba CURADORIAS do site. Assim ficam visíveis as diversas perspectivas perante o mesmo conjunto de obras. (conforme imagens abaixo)



Figura 01. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/mostracolaborativaonline/obras-em-v%C3%ADdeo>



Figura 02. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/mostracolaborativaonline/obras-em-v%C3%ADdeo>

Figura 03. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/mostracolaborativaonline/obras-em-v%C3%ADdeo>

Figura 04. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/mostracolaborativaonline/obras-em-v%C3%ADdeo>

Figura 05. Print do Site da Mostra Ativista Colaborativa Online, desenvolvido pela autora. 2021. Link: <https://sites.google.com/unesp.br/mostracolaborativaonline/obras-em-v%C3%ADdeo>

Para tal produção foi selecionada a plataforma aberta criadora de sites e formulários do Google. Cabe ressaltar que o objetivo foi criar uma plataforma confortável ao espectador, algo que ele/ela já tenha utilizado em algum momento. Após a publicação do site foram realizados testes de uso do formulário e de publicação da resposta do próprio formulário.

Apresenta-se, dessa forma, a fundamentação teórica utilizada para a produção de uma plataforma criadora da Mostra Ativista Colaborativa Online, que tem como propósito criar um Comum propício para a emancipação do espectador, e pode ocasionar reflexões perante o tema de igualdade de gênero por meio de obras artísticas e ação do observador.

Destaque para o conceito de Antropoceno com objetivo de reiterar a relevância do terceiro movimento do Antropoceno, que é conceito de Comum, que anseia que a estrutura se modifique e encontre estratégias revolucionárias para trazer os questionamentos políticos sociais e as necessidades de mudança que a sociedade contemporânea requer.

Tal contexto é norteador para a escolha de uma Abordagem Relacional, apresentada por Maura Reilly (2018), e assim fundamenta o exercício curatorial proposto com objetivo de emancipação do espectador.

A quarta estratégia apontada por Reilly é fundamentada em uma proposta de Ella Shohat sobre como abordar no âmbito universitário o eurocentrismo e o sexismo, por meio da “Abordagem Relacional”. O principal objetivo dessa estratégia é a abolição da hierarquia e não a assimilação das questões específicas. Essa abordagem está interessada em uma diversidade de vozes falando e existindo ao mesmo tempo, em local de igualdade. As exposições não teriam nomes ou divisões referentes às suas especificidades, mas sim todas como arte contemporânea,

assim como é feito com obras de artistas homens cisgêneros brancos. Segundo Reilly “é uma redefinição fundamental da prática da arte, transnacionalmente.” (REILLY, 2018, p.30, tradução nossa)

Essa abordagem propõe uma arte polissêmica, com posições contraditórias e práticas contestadas. Propõe a escrita, criação de um novo âmbito, cria assim um novo comum composto por diálogos diversos. Por meio do exercício curatorial é possível equiparar os objetivos dos festivais da Associação Videobrasil online com essa perspectiva diversa de arte contemporânea.

Ao se discutir e investigar Ativismo Curatorial na contemporaneidade, é relevante ressaltar a conexão entre a Agenda 2030 da ONU que direcionou o recorte temático da Mostra Ativista Colaborativa Online. A Agenda 2030 é um documento adotado por 193 Estados-Membros da Organização das Nações Unidas (ONU) em 2015, que planeja ações humanas que podem levar a sociedade à prosperidade, e tem como objetivo fortalecer a paz universal. São 17 objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e 169 metas com o intuito de erradicar a pobreza e promover vida digna para todos.

Dentre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, encontramos o ODS 5, que busca alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas. Este ODS atenta-se especialmente ao combate às discriminações e violências baseadas no gênero e no incentivo do empoderamento de mulheres e meninas para que possam atuar enfaticamente na sociedade.

Selecionou-se, portanto, uma das metas que compõem o ODS 5, a meta 5b, que tem como projeto, aumentar o uso de tecnologias de base, em particular as tecnologias de informação e comunicação, para ocasionar o empoderamento das mulheres.

Com isso, o Manual de Videoarte confere um caráter de reflexão perante o papel das tecnologias no Ativismo Curatorial. As obras que circulam nas plataformas digitais, abrangem um público de mulheres que não necessariamente frequentam museus, mas que podem se fazer presentes em redes sociais. Por meio de tecnologias, aplicativos, sites, a arte pode atingir as espectadoras de forma diferenciada, podendo empoderar indivíduos que se identificam como mulheres.

A plataforma do Videobrasil Online, é um site que proporciona um arquivo digital de obras muito vasto. Foram selecionadas obras que discutem a identidade de gênero por meio do vídeo, como videoarte, documentação digital. A partir de uma coletânea já disponível no ambiente virtual, buscou-se construir um facilitador, um site que incentiva a conexão da espectadora com as obras sugeridas, para que crie uma relação aproximada com as obras, e escolha as que mais lhe agradam.

O Ativismo Curatorial, quando estudado por meio da perspectiva de Maura Reilly, tem como objetivo, que todos os indivíduos envolvidos no ambiente artístico e curatorial se mobilizem com um mesmo propósito, de reparar as exclusões e preconceitos enraizados no sistema, para que a disseminação do conhecimento propicie uma sociedade mais empática e consciente, e que consiga reparar seus danos.

A autora ainda fala na necessidade de implementar estratégias para que outros artistas, que não sejam homens cis brancos e héteros, tenham visibilidade e possam compor a história da arte e até do mundo de maneira igualitária e plural.

No seu livro, inclusive já citado na fundamentação teórica desta pesquisa, Reilly apresenta estratégias para mudança. Existem curadores que usam o seu lugar para colocar em prática táticas que combatem a sub-representação, silenciamento e apagamento de artistas contra hegemônicos, para Reilly, essa forma de curadoria compõe curadorias inteligentes, enraizadas na ética, corrigem a exclusão de outros artistas pertencentes a arte contemporânea.

Reilly ainda reforça a necessidade de implementar estratégias que visam combater uma supremacia branca, garantir o reconhecimento de outros artistas para que ocupem seus lugares de direito, ao lado dos nomes dos artistas já consagrados. Assim a autora discute temas como a Responsabilidade Curatorial, elaborando perguntas que se deve fazer dentro das problemáticas abordadas, de que forma articular representações de galerias e colecionadores de arte, o lugar da mídia e como ela pode auxiliar nessa mudança, por fim encoraja artistas a falarem de volta e se oporem a estrutura do sistema artístico.

Com todos esses indivíduos trabalhando juntos, a mudança pode sim acontecer, como é possível notar as Guerrilla Girls, Gallery Tally, ELF, Pussy Galore e outros que direcionam pressão aos profissionais das áreas artísticas publicando estatísticas que exibem essas disparidades tão normalizadas no cânone, e já alcançaram retratações e mudanças.

De acordo com Rancière, o artista pode pensar sua produção com o objetivo de criar e incentivar um espectador ativo e influenciar essa transposição urgente da passividade para a atividade. Assim ele exemplifica como essa transposição pode acontecer:

Mesmo que o dramaturgo ou o realizador não saibam o que querem que o espectador faça, há pelo menos uma coisa que sabem: sabem que o espectador deve fazer uma coisa, transpor o abismo que separa a atividade da passividade.(RANCIÈRE, 2010, p.20-21)

Para Jacques Rancière, o espectador deve transpor o abismo que separa a atividade da passividade por meio da forma com que os conhecimentos são apreendidos. A inteligência consiste em traduzir signos por outros signos, por meio da associação, assim, o espectador, ao

ver um indivíduo em uma atitude de corpo ativo, pode sentir algum tipo de estranhamento ou empatia, buscando resolver o enigma da imagem que acaba de receber para compreender como ele pode se identificar com tal situação. A imagem pensativa compõe uma obra de arte que possui a potência, carrega um pensamento não pensado, permanecendo em um estado indeterminado entre o ativo e o passivo, e se torna uma imagem ativa ao ser fruída por um observador que tem que ter a autonomia de buscar ou querer ver a obra. Portanto,

A pensatividade da imagem é então esta relação entre duas operações que coloca a forma demasiado pura ou acontecimento demasiado carregado de realidade fora de si mesmos. Por um lado, a forma desta relação é determinada pelo artista. Mas, por outro lado, é o espectador sozinho que pode fixar a medida da relação, é apenas o seu olhar que dá realidade ao equilíbrio entre as metamorfoses da “matéria” informacional e a encenação da história de um século. (RANCIÈRE, 2010, p.186)

Rancière apresenta os suportes tecnológicos do vídeo como plurais, que expandem possibilidades do ato de produzir e captar imagens, sendo um suporte que combina e hibridiza os papéis de quem produz e de quem recebe essas produções. O vídeo permite que se incorporem imagens produzidas pelo público nos trabalhos de arte, estreitando a correlação entre as imagens e o público, o que se nota na imagem estática, amplifica-se na arte do vídeo.

Assim como a realidade é incorporada por meio da imagem em movimento e do reconhecimento daquelas imagens como reais, vividas e experienciadas. As imagens no vídeo são apresentações do real corporificadas e não representações do real, portanto compõem um aparato tecnológico relevante para um projeto curatorial ativista. O uso de tecnologias para a emancipação de espectadores por meio da arte evidencia a essencialidade de imagens pensativas.

A Mostra Ativista Colaborativa Online, ao criar um Comum, pode viabilizar a emancipação de espectadores.

O conceito de Antropoceno compõe o contexto no qual a proposta da Mostra Ativista Colaborativa Online acontece, e enfatiza a necessidade de ações que incentivem os movimentos do Antropoceno, além de uma repercussão majoritariamente negativa geologicamente, que os indivíduos possam ter a percepção de que causam consequências planetárias e que assim possam responder a tais problemáticas reflexivamente, de forma a possibilitar um futuro real a longo prazo.

A Mostra viabiliza o processo, ao ter contato com a possibilidade de refletir e criar a partir de um conjunto de obras disponíveis em uma plataforma conhecida, o indivíduo se depara a uma reflexão unida a uma forma de ação, criação que de certa maneira solidifica esse passo reflexivo perante a igualdade de gênero.

Já o conceito de Comum concretiza e reúne indivíduos que querem que seu impacto no planeta se modifique, anseiam que a estrutura se transforme e estão dispostos a encontrar estratégias que tornem tais ambições possíveis. Por meio de um fazer compartilhado, a união de indivíduos com um propósito similar ocorre pois possuem uma mesma preocupação, se torna uma maneira de lidar com o conhecimento de que o ser humano não tem um impacto positivo no planeta, na atualidade.

A partir da constatação de que os comuns podem reunir indivíduos com um mesmo propósito, aproxima-se este da proposta que Maura Reilly (2018) tem de reunir os indivíduos que possuem algum papel no âmbito do Ativismo Curatorial e que anseiam que este se modifique e caminhe em direção a mudanças que possam incentivar a igualdade no planeta.

Dessa forma elucida-se a necessidade de criar, proporcionar novos meios, novas propostas que além de constatar as problemáticas sociais e planetárias, projetam ações para que os receptores reflitam e coloquem em prática uma ação que agregue aos objetivos apresentados. Em tal momento específico da Mostra, o indivíduo é convidado a se conectar às obras sugeridas e após uma reflexão sobre as mesmas têm a possibilidade de compartilhar quais obras mais se encaixam ou mais lhe agradaram.

É ressaltada a motivação que o espectador pode vir a ter, ao constatar a necessidade que o ser humano tem de fazer, compartilhar, dar, aprender, preparar, jogar, participar, apoiar e mudar, se torna clara a importância da criação de ambientes que proporcionem tais ações e que incentivem um engajamento constante nas temáticas que visam uma mudança no planeta e na sociedade.

Assim, propõe-se a plataforma da Mostra Ativista Colaborativa Online, que possibilita o indivíduo a colocar um pedaço de si na composição da curadoria da mostra, ao selecionar suas preferências e vivência também a possibilidade de compartilhar por escrito suas motivações. Incentiva a concepção de que o ambiente artístico pode acolher a todos e deve sempre buscar novas formas de concretizar tais ambientes.

Para não apenas mostrar uma maneira de se fazer uma Mostra Ativista Colaborativa Online, que crie um comum e possibilite a emancipação do espectador, mas que incentive também a produção de novos âmbitos artísticos aproximadores, que tragam os espectadores como parte de seus projetos, para que possam também sentir que estão compondo a mudança no planeta.

A agenda 2030 da ONU tem como objetivo sistematizar ações que coloquem em prática os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável propostos. O ODS 5 visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas, dentro das metas colocadas, têm-se a 5b,

que anseia aumentar o uso de tecnologias de base e de informação e comunicação, de forma a causar o empoderamento das mulheres.

A Mostra Ativista Colaborativa online busca tornar tal feito possível para mulheres que entrem em contato com a plataforma, para que possam decidir como será sua relação com essa mostra, e se colocarem como agentes ativos dessa mudança, mesmo que seja em uma ação aparentemente simples, que é o compartilhamento de opinião. Porém essa opinião se unirá a tantas outras e criará uma curadoria ativista realmente colaborativa, com indivíduos que não eram necessariamente ativos no ambiente artístico.

O Videobrasil online de certa forma já é uma plataforma que proporciona empoderamento ao viabilizar conhecimentos perante videoarte. Ao fazer um recorte de tema com base no acervo disponível neste site, propõe-se uma ramificação de um projeto já existente. Uma subdivisão que proporciona reflexões especificamente sobre identidade de gênero. Também com base nas estratégias apresentadas por Maura Reilly, de reparação de danos, a arte acabou por perpetuar desigualdades planetárias, e a autora ressalta a necessidade de reverter esse status quo por meio de Curadorias Ativistas.

Ao enfatizar que a união desses indivíduos que compõem o cânone artístico, Maura Reilly apresenta o trabalho coletivo como alternativa de mudança. O conceito de *Comum* (GREAR, BOLLIER, 2020) sugere a importância de despertar a nível pessoal, para que o indivíduo entenda seu papel na transformação da sociedade futura, e o despertar está relacionado à identificação por meio da experiência pessoal, que carrega o potencial de mudança. Para que essa identificação aconteça, tanto o Comum, quanto o Ativismo Curatorial sugerem trabalhos em coletivos em que vários indivíduos se unam e façam o que puderem para incentivar a mudança em outros âmbitos.

A mostra ativista colaborativa online, conforme proposta por esta pesquisa em artemídia e tecnologia e ao criar um comum, pode viabilizar a emancipação de espectadores. O princípio de fazer e compartilhar, presentes na artemídia e na arte contemporânea em que o sujeito é o interator, faz dele não apenas um participante da obra mas o torna parte da obra, e cria a obra junto com artista, e assim ressalta-se a arte colaborativa e a Abordagem Relacional apresentada por Maura Reilly (2018), pode ser colocado em prática por meio de uma mostra ativista colaborativa online que a partir de fazeres artísticos, qualquer indivíduo que se sinta convidado pode também fazer e compartilhar os vídeos que fez por meio da plataforma criada.

Para finalizar este capítulo, ressalta-se a importância de recordar que a produção desta pesquisa é uma aplicação de todas as teorias estudadas, em que fez-se uso do vídeo, mais especificamente da videoarte como ferramenta para levar as teorias estudadas, o ativismo

curatorial, a arte ativista para espectadores de uma forma simplificada porém ativa, em que espectadores exercitassem seus protagonismos por meio da arte do vídeo.

Apesar de ser uma pesquisa extensa sobre ativismo curatorial, artemídia, tecnologia, videoarte e até mesmo estética filosófica, foi determinada a produção do presente manual para colocar em prática e transmitir tais conhecimentos à população não necessariamente acadêmica, salienta-se, portanto, que outras ferramentas podem no futuro ser utilizadas, para transmitir tais conhecimentos à sociedade.

No próximo capítulo, encontra-se toda a descrição do Manual de Videoarte Vertical, suas ramificações e sua contextualização perante a pesquisa de Mestrado no Programa de Pós Graduação em Mídia e Tecnologia da UNESP de Bauru.

CAPÍTULO 2

MANUAL DE VIDEOARTE ATIVISTA

@videoarte_ativista

SOFIA SARTORI DOS SANTOS

2.1. Projeto do Manual

A seguir, apresentamos o Projeto do Manual de Videoarte Ativista e as suas etapas.

I. Introdução (plataforma; recorte temático; público alvo)

O produto da pesquisa de mestrado “Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte Vertical”, deriva da “Mostra Ativista Colaborativa Online”, um segundo exercício curatorial desenvolvido. Observou-se durante a produção da mostra, ser necessária a criação de uma plataforma de fácil acesso às espectadoras.

Para tanto, levou-se em consideração a necessidade (levantada pela bibliografia de pesquisa) que mulheres tenham acesso a diversas perspectivas, o que a teoria de Feminismo Interseccional possibilita. E para isso pensou-se em uma rede social sem um rosto específico, mas compostos por várias referências que pudessem chegar às mulheres como experiências diversas para que se inspirem, se identifiquem e coloquem seus próprios pontos de vista no projeto.

Assim foi desenvolvido um projeto de uma rede social e de um site que possam interagir com espectadoras de forma efetiva. Após a produção do perfil no Instagram desenvolveu-se, em um enquadramento vertical, uma série de *stories* que explicam de forma breve como produzir uma videoarte vertical com os itens:

“Pré-produção”

“Equipamento”

“Filmagem (movimentos e ângulos de câmeras, regras dos três terços com o enquadramento vertical)”

“Edição (plataformas abertas)”

“Especificações para o arquivo”

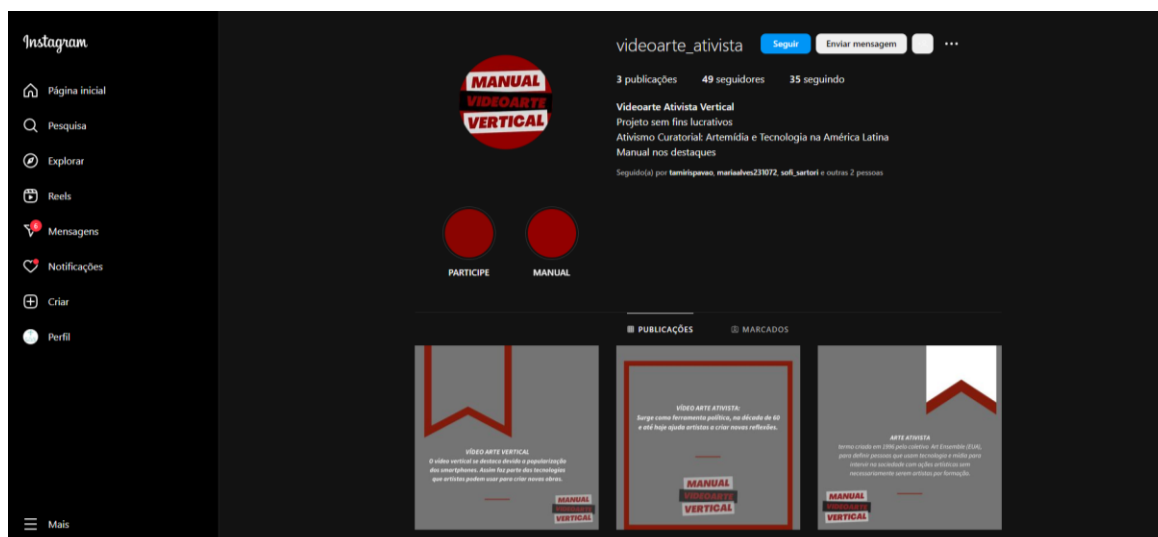


Figura 06. Print do perfil na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.
Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

E então foi desenvolvida uma solução para o problema de como trazer as espectadoras para discutirem o tema proposto, relacionado ao Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 05 (que pretende empoderar todas as mulheres e meninas). O tema é especificamente a Interseccionalidade com viés ativista, com o objetivo de proporcionar lugar de fala para mulheres com diversas perspectivas.

Para que o tema pudesse tocar as espectadoras e instigá-las a produzir videoartes verticais ativistas, foram produzidos três vídeos a partir de um estudo do livro “Um Guia Pussy Riot para o ativismo”, que discute sobre como fazer ativismo no mundo contemporâneo.

Assim foram gravados e editados esses três vídeos com mulheres de diferentes perspectivas para serem postados nesse mesmo perfil do Manual. E assim seria a divulgação do projeto que pudesse incitar a produção de obras de parte das espectadoras.

A partir desse momento as plataformas já haviam sido selecionadas, o público, a metodologia, a justificativa e um possível resultado esperado também. A seguir detalha-se todos esses processos presentes no projeto do Manual de Videoarte Vertical até o detalhamento de sua produção.

II. Objetivo

Observar o vídeo como elemento potencializador da interatividade e cooperatividade entre artistas e espectadores e propor um Manual de Videoarte Vertical de cunho ativista com o tema Arte do Vídeo, Tecnologia e Mídia produzidas por mulheres.

III. Justificativa

A pesquisa propõe o estudo das conexões entre Ativismo Curatorial e Videoarte, acerca da tecnologia criativa e interativa. Como produto da pesquisa aplicada é sugerido o desenvolvimento de um projeto expográfico curatorial em videoarte, que consiste em um Manual de Videoarte Vertical Interativo. O Manual pode desta forma validar as vertentes estudadas ao colocá-las em prática por meio de uma produção em tecnologia criativa e artemídia, com objetivo de agregar conhecimentos e pesquisas à linha 2 do PPGMiT, de Tecnologias Midiáticas.

IV. Metodologia (passo a passo do projeto - até sua execução) - desenho da plataforma; redes sociais conectadas; Site; Instagram; Manual Issu.

Quanto aos métodos, consiste em uma pesquisa com abordagem qualitativa que busca compreender e descrever o Ativismo Curatorial, artemídia e Tecnologia na América Latina com base na pesquisa bibliográfica de autores que discorrem sobre Ativismo Curatorial, Arte do Vídeo, Ativismo Digital, Arte na Contemporaneidade.

De natureza qualitativa, trata-se de uma pesquisa observacional, bibliográfica e documental, para identificar teorias que embasam a pergunta de pesquisa, e também a observação da plataforma Videobrasil Online com o recorte temporal entre 2010 e 2020.

Experimental e Descritiva na medida em que proposto e colocado em prática um Manual Interativo como resposta aos questionamentos investigados. Portanto, quanto aos objetivos consiste em uma pesquisa exploratória - referente ao tema Ativismo Curatorial, Videoarte e artemídia. Com base em documentação indireta.

A pesquisa será composta por quatro procedimentos:

1. Pesquisa Bibliográfica - Revisão da Literatura - com base na pergunta de pesquisa.
2. Estudo exploratório acerca das questões levantadas sobre a Revisão de Literatura.
3. Pesquisa Aplicada com base nas estratégias apresentadas pelas bibliografias investigadas.
4. Relato de experiência referente à produção do Manual Interativo de Videoarte Vertical Ativista, como busca de solução para as questões levantadas na Revisão de Literatura.

A coleta de dados se dá por meio de documentação indireta, dados bibliográficos referentes às teorias norteadoras da pesquisa, que buscam responder à pergunta de pesquisa inicial e os questionamentos decorrentes da mesma. Dados do Videobrasil Online entre 2010 e 2020 que originaram um ensaio sobre Ativismo Curatorial em uma plataforma digital. Dados do Manual de Videoarte Vertical Ativista coletados a partir de sua produção, divulgação e resultados obtidos.

As técnicas de coleta consistiram em documentação indireta, levantamento de dados sobre o tema da pesquisa, documental, site Videobrasil Online, os Festivais entre 2010 e 2020, e a pesquisa bibliográfica.

Os instrumentos utilizados foram, fichamentos da bibliografia selecionada; comparação dos textos com base na pergunta de pesquisa; observação dos Festivais promovidos pelo Videobrasil Online entre 2010 e 2020, e correlação com as teorias investigadas também com base na pergunta de pesquisa; e a documentação do processo de produção e relato de experiência referente ao projeto de Manual de Videoarte Vertical Ativista desenvolvido.

A investigação dos dados foi e será constituída a partir de questões que surgiram com a revisão da bibliografia e dos dados coletados. Questiona-se de que maneira as plataformas podem constituir o Ativismo Curatorial; como as plataformas junto ao ativismo curatorial podem criar ferramentas acessíveis e empoderadoras; qual a presença da videoarte em tais plataformas digitais; e por fim como o indivíduo poderia ser beneficiado ao ter contato com tais plataformas e consequentemente com Videoartes Ativistas.

A técnica, portanto, é com base nos questionamentos levantados que são aplicados brevemente à plataforma do Videobrasil Online em forma de ensaio e são discutidas acerca da produção, divulgação e execução do projeto de Manual de Videoarte Vertical Ativista, que é o produto da pesquisa.

Os dados são descritos com a revisão bibliográfica que correlaciona as teorias com base na pergunta inicial de pesquisa, e são descritos também com o relato de experiência referente à produção do manual interativo, como uma busca de soluções para as questões levantadas na revisão de literatura.

A partir da comparação dos dados com a teoria, serão constituídas discussões e conclusões referentes à pesquisa bibliográfica e a aplicabilidade das teorias acerca do exercício realizado durante a pesquisa, o Ensaio sobre o Ativismo Curatorial presente na plataforma Videobrasil Online entre 2010 e 2020. E também discussões e conclusões sobre o produto final, o Manual de Videoarte Vertical Ativista, como resposta à investigação bibliográfica.

O corpus da pesquisa é o Manual de Videoarte Vertical Ativista, produzido como uma solução para o problema de pesquisa levantado e a partir da bibliografia investigada.

O universo da pesquisa foi determinado principalmente a partir do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável nº5, da Agenda 2030 da ONU, que visa “Empoderar todas as mulheres e meninas”. Dessa forma com o recorte territorial da América Latina e o temporal da contemporaneidade, pensa-se uma plataforma digital que possa atingir o máximo de espectadoras e que possa empoderar indivíduos que se identificam como mulheres a produzirem videoartes verticais ativistas e demonstrarem seus próprios pontos de vista.

Amostragem qualitativa, não probabilística e por conveniência. A amostragem se refere às pessoas que participarão do projeto proposto como aplicação da pesquisa, as pessoas não serão entrevistadas, será feito um Relato de Experiência referente à produção do Manual Interativo de Videoarte Vertical Ativista e de como ele se deu quando divulgado.

2.2. Descrição Detalhada do Processo de Criação

I. Detalhamento teórico do manual

O estudo foi realizado como parte da pesquisa de mestrado “Tecnologia e Ativismo Curatorial - Manual de Videoarte Vertical”, para responder a pergunta: “como o ativismo curatorial faz uso de mídias e tecnologias para aproximar espectadores?”

Além da investigação teórica, propõe-se uma pesquisa aplicada buscando colocar em prática possíveis soluções para o problema inicial. Foram estabelecidas fundamentações teóricas que mostram de forma prática uma sugestão de solução para o problema inicial, e assim foi idealizado e produzido um manual unindo as fundamentações com o objetivo de levar à sociedade uma nova possibilidade de vivenciar o mundo artístico a partir da perspectiva de cada espectador. Disso surgiu a ideia de criação de um manual em forma de rede social, site e pdf que visa colocar em prática as teorias estudadas. Ao se estudar Ativismo Curatorial e Tecnologia encontram-se diversas produções contemporâneas em que as espectadoras podem ter contato com artistas e obras. Nesse manual o objetivo é que as espectadoras mostrem seus pontos de vista em seu próprio lugar dentro do mundo artístico e questiona-se assim, novamente, o lugar de artistas e espectadores dentro do mundo artístico para que novas perspectivas sejam discutidas de outras formas no mundo artístico.

Durante a pesquisa de mestrado foi possível estabelecer que ativismo curatorial utiliza tecnologias para aproximar espectadores sim.

A teórica Maura Reilly apresenta em seu livro “Ativismo Curatorial” iniciativas necessárias por parte do mundo artístico que foram essenciais para a investigação proposta. De igual forma os textos do filósofo Jacques Rancière que discorre acerca do espectador emancipado e como a relação obra e espectador se estreita com aparatos tecnológicos, como o vídeo. Então, durante a coleta de dados deparou-se com o Festival produzido pela plataforma Videobrasil Online e esta passou a ser um exemplo de como os meios tecnológicos viabilizam o acesso à arte.

Após a escolha do objeto de estudo, fez-se o recorte temático da pesquisa com base no ODS -5 que visa atingir a igualdade de gênero, e estudou-se o termo Interseccionalidade de Carla Akotirene e a teoria de Comuns de Grear e Bolier para investigar no que consistem as ferramentas acessíveis e empoderadas nesse contexto determinado.

A partir desse estudo, foi proposto um produto que fomente produções práticas de espectadoras mulheres, que possam adentrar o mundo artístico com novas perspectivas, estreitando mais ainda a relação entre obra artística e espectador.

O problema de pesquisa surgiu a partir de uma pergunta inicial: “Como o ativismo curatorial faz uso de mídias e tecnologias para aproximar espectadores?”. Existem meios tecnológicos, como a plataforma Videobrasil Online, que viabilizam conhecimento e acesso das obras artísticas ao público, porém, sugere-se que quando o público produz, junto ao âmbito artístico, deixa um pouco de si no mesmo. Uma nova perspectiva. Assim o manual vem como ferramenta acessível e empoderadora para que espectadores possam criar obras e compartilhá-las criando seu próprio nicho no âmbito artístico.

A partir da investigação do trabalho já realizado pelo Videobrasil Online, sugere-se uma ramificação de projeto para aproximar espectadores de obras artísticas de uma forma diferente e interativa.

O projeto já possui rede social e site, e pretende ser um “do it yourself” para mulheres com diferentes perspectivas, como parte da sociedade em geral, não necessariamente acadêmica. No início da pesquisa foi investigado, porém não foi encontrado um material tão específico online que ensine como fazer videoarte ativista em sua própria casa, com seus próprios recursos. O próprio âmbito de Ativismo Curatorial ainda não é tão amplo em investigações e pesquisas aplicadas no Brasil.

A pesquisa tem como objetivo geral a criação de um manual de videoarte vertical ativista a partir da investigação da função do vídeo no ativismo curatorial; e como objetivo

específico, propor um manual de videoarte vertical de cunho ativista com tema de arte do vídeo e tecnologia experienciados por mulheres.

Metodologia:

Foi elaborado um manual a partir da pergunta inicial da pesquisa com base em três exemplos de conectividades com os espectadores: 1º: Plataforma Videobrasil Online (<https://site.videobrasil.org.br/>) - que apresenta ao público o mundo artístico de uma forma diferente.; 2º: Manual Pussy Riot - consiste em uma obra literária que ensina a fazer ativismo - produzida para a sociedade de forma geral; 3º: livro de Maura Reilly, Ativismo Curatorial - um passo a passo para acadêmicos do mundo artístico seguirem. Já o Manual proposto para essa pesquisa, busca trazer espectadores para o mundo artístico de uma forma nova, produzindo arte.

Descrição do objeto de estudo:

O manual tem a forma de um Ebook e é divulgado no site: <https://sites.google.com/unesp.br/manual-de-videoarte-vertical/pdf-manual?authuser=0> e no perfil do Instagram (@videoarte_ativista). É dividido em quatro partes: 1ª - objetivos; 2ª - conceitos; 3ª passo a passo; 4ª - compartilhe.

O objetivo é que as redes sociais e o site divulguem esse manual para que a população não acadêmica tenha acesso a ele.

A primeira parte mostra a pergunta de pesquisa e os objetivos do manual. A segunda parte apresenta os conceitos, a fundamentação teórica básica da pesquisa que contém os questionamentos: “Para que serve o projeto?”; “O que é Ativismo Curatorial?”; “Faça você mesma uma videoarte!”; “Como fazer ativismo digital?”; “Conheça a arte ativista”; “Passo a passo - Como você pode fazer arte do vídeo?”; “Porque vídeo vertical?”; “Como fazer uma videoarte vertical ativista?”.

A terceira parte mostra o passo a passo da pesquisa e explica como fazer uma videoarte vertical ativista. Incita a espectadora a mostrar seu ponto de vista no projeto.

Consiste em três passos básicos: ter a ideia, filmar e editar. Explica a duração do vídeo e a posição do celular ao filmar; os melhores movimentos de câmera; os melhores ângulos; como e porque escolher objetos que tenham uma proporção igual a da tela; como utilizar a regra dos terços em formato vertical; nomes de aplicativos gratuitos para editar os vídeos. e por fim a quarta parte, que diz para enviarem o que produzirem para o perfil do instagram. O texto ainda lembra o tamanho do vídeo, o formato e a proporção da tela.

Delineamento da pesquisa:

A metodologia consiste em uma pesquisa aplicada com base principalmente nas estratégias apresentadas pelos aportes teóricos e os respectivos autores investigados, que são: Ativismo Curatorial de Maura Reilly; Antropoceno de Grear e Bollier; Interseccionalidade de Akotirene; Ativismo Digital de Tarcisio Silva; Arte do Vídeo de Arlindo Machado e Christine Mello.

A partir da investigação da bibliografia de base fez-se um exercício curatorial sobre a plataforma Videobrasil Online e uma aplicação desse material levantado entre os anos de 2010 e 2020 em um projeto que se chamou: “Mostra Ativista Colaborativa online” (<https://sites.google.com/unesp.br/mostracolaborativaonline/obras-em-v%C3%ADdeo>).

Assim chegou-se ao objeto de pesquisa, que foi um manual proposto para discutir as problemáticas levantadas inicialmente, de uma forma ainda não feita no mundo artístico. Para finalmente originar o relato de experiência referente à produção deste manual interativo de videoarte vertical ativista, como busca de uma possível solução para as questões levantadas inicialmente na revisão de literatura.

Procedimentos específicos:

Foram realizados os seguintes procedimentos específicos para a produção do Manual:

- 1º - Investigação acerca dos Festivais realizados pelo Videobrasil Online entre 2010 e 2020.
- 2º - Desenvolvimento do Projeto Mostra Ativista Colaborativa Online - Exercício Curatorial - Sugere-se uma Mostra Ativista Colaborativa Online que cria um âmbito seguro e íntimo para os espectadores interagirem com obras selecionadas e escolherem como elas seriam dispostas e quais mais se relacionam perante a visão de cada um. Com o propósito de criar uma Mostra Colaborativa Online, uma plataforma com base no banco de dados do Videobrasil online que abordam as questões de gênero, a vulnerabilidade de mulheres, a cultura do estupro e a lesbo-homofobia. Ao observar o banco de dados, o indivíduo que entrar no site, seleciona quais obras farão parte da sua exposição e o que será publicado posteriormente no próprio site. A plataforma é composta por uma junção de combinações e curadorias diversas, unidas pela temática apontada acima.
- 3º - Definição do produto do projeto de mestrado, fundamentado nas investigações citadas.

4º - Definição de materialidade - formatação do Manual de Videoarte Vertical, devido à necessidade de fomentação de produções interativas que envolvam as espectadoras de uma forma diferente das que já foram investigadas.

5º - Desenvolvimento do material publicado na rede social do instagram (@videoarte_ativista).

6º - Desenvolvimento do site com toda a fundamentação e justificativa do projeto. Que será o meio para os espectadores baixarem o Manual de Videoarte Vertical.

7º - Desenvolvimento do Manual de Videoarte Vertical.

8º - Publicação do Manual de Videoarte Vertical na plataforma Issuu.

II. Detalhamento técnico e descritivo:

A. Plataformas desenvolvidas:

A.1. Site, Mostra Ativista Colaborativa Online. (fotos, prints)

O site é composto pela página inicial denominada: “Obras em vídeo”; a página “CURADORIAS” na qual ficam as curadorias produzidas pelas espectadoras e espectadores; e a aba “Saiba Mais” que explica de forma breve a fundamentação teórica da mostra e tem o resumo do artigo produzido sobre a Mostra Ativista Colaborativa Online.

A página inicial intitulada “Obras em Vídeo” é composta pelo título: “Mostra Ativista Colaborativa Online - emancipar o espectador e criar o comum.” Seguido de um breve resumo que explica o objetivo do site, que é criar uma exposição de arte junto a todes que quiserem e tiverem interesse, para gerar diversas possibilidades de curadorias perante um mesmo conjunto de obras.

Explica-se também que as videoartes selecionadas para a Mostra Ativista Colaborativa Online compõem o acervo do Videobrasil Online, que é objeto de estudo da pesquisa de Mestrado Profissional “Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte Vertical”; foram selecionadas obras com temáticas de gênero, mulheres em estado de vulnerabilidade, a cultura do estupro e a lesbo-homofobia, que se relacionam com a ODS-5 (que visa alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas).

Seguida desta fala, têm-se a sugestão, que o espectador aprecie as obras e ao final preencha o formulário selecionando quatro obras que participaram de sua exposição, e se quisessem também poderiam escrever um breve texto explicando suas escolhas.

Após essa introdução da Mostra Ativista Colaborativa Online, são expostas as obras selecionadas, com arquivos em vídeo e legendas, para que cada espectador possa ter a experiência de assistir a obra completa, antes de decidir quais obras poderiam participar de sua exposição.

As obras selecionadas estão dentro do recorte temático proposto pela pesquisa acerca da ODS-5. A seguir é explicada brevemente cada obra apresentada, por meio dos textos disponíveis na plataforma videobrasil online:

A primeira obra apresentada, "Mientras paseo en cisne", 2010, vídeo, 8'27" da artista Lara Arellano, mostra uma menina que vê, enquanto sentada no banco de trás de um carro que se movimenta pela estrada. Ela vê seus sapatos vermelhos, vacas, lagos longínquos que nunca chegam. A conversa entre seus pais que estão nos bancos da frente é cortada dependendo do que ela vê, aumentando a sensação de sonolência, sonho e imersão. A obra explora o diálogo entre paisagem exterior e estados interiores, a expressão feminina na arte e a ideia de viagem como trajeto afetivo. (Fonte: Acervo Videobrasil. Link: <https://www.google.com/url?q=https%3A%2F%2Fsite.videobrasil.org.br%2Fpt%2Face%2Fobras%2Fobra%2F1349530&sa=D&sntz=1&usg=AOvVaw0WgLPiWqgvafuOWSx92cX1>)

A segunda obra apresentada, "The Chrysalis", 2010, vídeo, 6'37" da artista Petrina Hicks, dispõe de belas flores que brilham sob gotas de orvalho que são sensualmente lambidas por uma modelo, um trabalho que subverte a lógica da sedução e glamurização das imagens publicitárias. A captação em alta velocidade possibilita combinar o efeito de câmera lentíssima e imagens em alta resolução. A obra utiliza expedientes da propaganda para transmutar atração em repulsa. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/1349661>)

A terceira obra apresentada, "Sergio e Simone", 2010, vídeo, 9'21" da artista Virginia de Medeiros, com um olhar incisivo sobre o contexto urbano plural e constante das cidades brasileiras, o filme contrapõe duas identidades da mesma pessoa: a travesti Simone, que cultua seus orixás em uma fonte pública em Salvador; e Sergio, o pregador evangélico em que Simone se transforma após uma experiência de quase morte. O personagem dubio torna-se, ele mesmo, território de disputa entre dois sistemas religiosos que brigam pela fé na Bahia. Ao sobrepor seus discursos opostos, a obra contrapõe as ideias de desejo e expiação. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1689059>)

A quarta obra apresentada, "Conversation Piece", 2012, videoinstalação da artista Gabriela Golder, dispõe em um tríptico de composição clássica, que remete às pinturas/retratos

grupais do século 18, duas meninas leem o Manifesto comunista com a avó. Conforme avançam, fazem perguntas, que a avó responde. A obra explora a perplexidade diante de questões que desafiam a passagem do tempo e a revisão histórica que se impõe. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1687692>)

A quinta obra apresentada, “Samba #2”, 2014, vídeo, 3’4’’, de artista Chamecki Lerner, uma obra que analisa três imagens essenciais na cultura brasileira: o Carnaval, o samba e a bunda. Ao expor micromovimentos imperceptíveis normalmente, revela imagens novas de algo que julgamos conhecer. Abordando a cultura a partir de seu elemento mais corpóreo, o vídeo desconstrói a imagem habitual do corpo feminino e invoca questões-chave brasileiras centradas no corpo, como sexualidade, violência e beleza. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1801630>)

A sexta obra apresentada, “Trans Amazônica”, 2013, vídeo, 1’11’’, da artista Luciana Magno, Com uma pesquisa focada na performance, Luciana Magno desenvolve investigações nas quais a paisagem integra o corpo e o corpo integra a paisagem. Seu cabelo – que não corta há mais de dez anos – é elemento recorrente em suas ações. Em Trans Amazônica, assume uma postura que remete àquela em que indígenas são enterrados, e se posiciona num trecho inacabado da rodovia Transamazônica. A obra serve de suporte para refletir sobre a causa indígena e sua invisibilidade ante as estruturas de poder. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/1801336>)

A sétima obra apresentada, “ABC-lynching”, 2014, vídeo, 11’ da artista Maria Kramar, apresenta em sua obra as identificadas como instrumentos pró-democracia, as redes sociais também autorizam a propagação de práticas que estimulam o ódio à diferença e à violência. Nesta colagem de vídeos encontrados no YouTube e em um canal virtual orquestrado pelo líder homofóbico Maxim Martsinkevitch, Kramar denuncia a ação de grupos neofascistas na Rússia que se valem da visibilidade da internet para expor a identidade de homossexuais e, articulando narrativas perversas, relacioná-la à pedofilia e a outras práticas criminosas. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1801503>)

A oitava obra apresentada, “Faz que vai”, 2015, vídeo, 11’54’’, de Bárbara Wagner e Benjamin de Burca, Em quatro atos, bailarinos misturam movimentos do frevo, dança tradicional do Carnaval pernambucano, a outros, típicos de ritmos contemporâneos, como funk, swingueira, electro e vogue. Ao pôr em xeque a pureza atribuída ao frevo pelos governos que o promovem como expressão originária de um povo, o trabalho cria tensão em categorias como folclore, cultura popular e cultura de massas, além de tocar em questões de raça, classe e gênero. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2203081>)

A nona obra apresentada, “Ensaio Ilú Obá de Min”, 2015, vídeo, 1’40”, da artista Graziela Kunsch, mostra o grupo de percussão afro formado apenas por mulheres faz apresentações abertas que transformam temporariamente a face de espaços públicos de São Paulo, engajando a população mais excluída da cidade. Formado por um único plano, o vídeo mostra esgares dessa mudança, ao expor a dança de um grupo de mulheres e homens trans que vivem sob um viaduto: ao som dos tambores, seus corpos criam um lugar de festa e dignidade. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2203122>)

A décima obra apresentada, “Das Avós”, 2019, videoinstalação, da artista Rosana Paulino, o vínculo entre o trabalho e a condição de mulher negra é crucial na produção de Rosana Paulino. Quem seriam suas ancestrais em um país marcado pela escravidão? Nas projeções em looping, uma jovem moça trava contato com imagens de mulheres negras do Brasil colonial, numa relação de cuidado com as representantes da ancestralidade. Paulino alinha essas personagens à sua própria história de vida, reconstruindo os laços perdidos por meio de um resgate simbólico das inúmeras memórias usurpadas. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2227443>)

A décima primeira obra apresentada, “The politics of choice and the possibility of leaving”, 2018, vídeo, 15’, da artista Megan Heiling, dispõe uma conversa íntima, ao pé do ouvido, entre um casal de namoradas. Quando não estão recolhidas no quarto, elas se aventuram por estradas para descobrir paisagens. Nesse momento, no entanto, outro tipo de viagem está para acontecer. A artista documentou, na obra, os dias que precederam sua viagem da África do Sul à Bélgica, onde iria viver. Sua namorada, por outro lado, depois de anos vivendo na África do Sul, teria de voltar a seu país de origem, a Namíbia, onde a homossexualidade é criminalizada. A complexidade das fronteiras, dos percursos e das identidades é o fio condutor dessa espécie de diário lírico de uma partida. (Acervo Videobrasil - <https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/2223254>)

Ao final da página tem-se o formulário intitulado: “Crie sua Curadoria Ativista” no qual o espectador realmente interage com as obras que teve contato por meio do site. O formulário é preenchido com: e-mail; Nome Completo; seleção de quatro obras que participaram de sua exposição e um espaço para que o espectador justifique sua escolha caso se sinta confortável.

Ao enviar sua resposta, o espectador terá sua curadoria exposta na aba “Curadorias”, na qual são publicadas as curadorias de todos que responderem os formulários escolhendo as quatro obras que fariam parte de sua exposição, seguido de seus nomes e de suas justificativas, quando enviadas.

Por fim tem-se a aba “Saiba Mais” que fala sobre a Mostra Ativista Colaborativa Online de maneira mais detalhada. Apresenta-se o que é Ativismo Curatorial da perspectiva de Maura Reilly, que é fundamentação teórica essencial para a pesquisa. É explicado brevemente o conceito de Comum de Grear e Bollier, que é exatamente o que o projeto visa criar. E por fim, a teoria de Espectador Emancipado de Jacques Rancière, também justificando o projeto da Mostra Ativista Colaborativa Online.

Após tais breves explicações apresenta-se o resumo do artigo produzido e publicado sobre a Mostra Ativista Colaborativa Online. E também uma aba que possibilita o envio de mensagens com dúvidas ou comentários sobre a mostra.

A.2. Perfil do Instagram. @videoarte_ativista (fotos. prints)

O perfil do instagram @videoarte_ativista foi criado para a divulgação da pesquisa “Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte Vertical”. E principalmente para colocar em prática a proposta do Manual de Videoarte Vertical de aproximar espectadores das obras artísticas e até mesmo da produção de Videoartes no enquadramento Vertical.

A imagem do perfil é o título “Manual de Videoarte Vertical”, e na descrição é apresentado o título da pesquisa e o link de acesso ao Manual, disponível na plataforma issuu. Nos destaques é apresentada uma chamada para a participação do projeto e uma breve versão do Manual de Videoarte Vertical desenvolvida também para divulgação nos stories do perfil.

Foram desenvolvidas três publicações de forma textual, que falam brevemente sobre os conceitos de Arte Ativista, Videoarte Ativista e Videoarte Vertical. Seguem abaixo os conteúdos de tais publicações:

“Arte Ativista

Termo criado em 1996 pelo Coletivo Art Ensemble (EUA), para definir pessoas que usam tecnologia e mídia para intervir com ações artísticas sem necessariamente serem artistas por formação.” (Fonte: @videoarte_ativista)

“Videoarte Ativista: Surge como ferramenta política, na década de 60 e até hoje ajuda artistas a criar novas reflexões.” (Fonte: @videoarte_ativista)

“Videoarte Vertical”

O vídeo em enquadramento vertical se destaca devido a popularização dos smartphones. Assim faz parte das tecnologias que artistas podem usar para criar novas obras.” (Fonte: @videoarte_ativista)

Assim decidiu-se que era necessário um chamamento específico para delimitar o tema das produções e também atingir de certa forma espectadoras. Foi produzido um roteiro com

base no Guia Pussy Riot para o Ativismo que derivou em três vídeos para publicação no perfil do instagram @videoarte_ativismo para serem disparadores de criatividade dentro deste tema determinado inicialmente pela ODS - 5 e posteriormente pela teoria de Interseccionalidade.

Outro aspecto importante é que a autora do projeto não tem como objetivo colocar seu rosto nos perfis, para assim não limitar as pessoas que possam se identificar com os chamamentos para criação de videoartes. Foram determinadas, três mulheres com características estéticas distintas para gravar esses vídeos de divulgação.

O objetivo é que sejam divulgadas, posteriormente, as produções em Videoarte Vertical derivadas do Manual de Videoarte Vertical, nesse perfil do instagram, constituindo portanto um espaço acessível, plural e diverso, um Comum partilhado e também compartilhador de tais produções.

A.3. Versão sintética do Manual disponível nos Stories do perfil do Instagram @videoarte_vertical

Essa versão resumida do Manual de Videoarte Vertical foi desenvolvida como chamamento, para que espectadoras entendam como pode ser simples participar do projeto e compartilhar seu ponto de vista.

Primeira Imagem - Capa “Manual de Videoarte Vertical”

- objetivo - “Procuramos alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.”
- FEMINISMO INTERSECCIONAL - para já mostrar a essencialidade de se pensar o lugar de fala de cada um:
“O Feminismo Interseccional mostra como as opressões de gênero, classe e raça atormentam a sua vida. Manifeste seu ponto de vista em nosso projeto!”

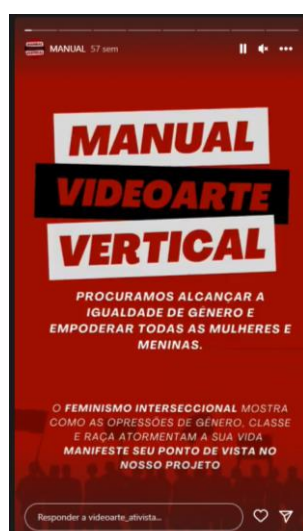


Figura 7 .Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021. Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Segunda Imagem - um Resumo das etapas necessárias para realizar uma Videoarte Vertical.

- IDEIA
- FILMAR
- EDITAR
- ENVIAR VÍDEO DE 1 A 3 MINUTOS

"Você só vai precisar de um celular e manter ele na posição vertical. Para assim gravar o vídeo."



Figura 8 .Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021. Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

As imagens a seguir constituem em passos simples e dicas para a produção de uma Videoarte Vertical.

Terceira Imagem - “Cuidado com os movimentos horizontais, eles ficam exagerados em uma tela vertical.”



Figura 9. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021. Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Quarta Imagem - “Melhores movimentos de câmera.”

- PLANO FIXO - a câmera fica parada enquanto o sujeito se movimenta.
- MOVIMENTO SUA CÂMERA À VONTADE - travelling, pan, tilt.
- ZOOM - simula o movimento de se aproximar ou se afastar de um objeto.



Figura 10. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021. Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Quinta Imagem - “Melhores Ângulos.”

- PLONGÉE - A câmera fica por cima do objeto e pode ser usada para mostrar inferioridade.
- NEUTRO - a câmera fica alinhada com o objeto.
- CONTRA PLONGÉE - A câmera grava o objeto debaixo para cima, assim destaca força e superioridade.



Figura 11. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.

Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Sexta Imagem - “Escolha objetos que tenham uma proporção igual a da tela.”

- Seres humanos, edifícios, montanhas, árvores, escadas ou portas.



Figura 12. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.

Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Sétima Imagem - “Use a regra dos terços em formato vertical.”

- Divida a tela em três partes. Colocando os elementos principais nas linhas ou os pontos-chave no espaço entre elas.



Figura 13. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.

Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Oitava Imagem - “Depois de gravar seu vídeo, você pode editar em seu próprio smartphone com:”

- Inshot; Imovie; Likee; Filmr; GoproAPP; Kinemaster; Splice; Vivavideo; Vizmato; Enlight; Videoleap.

- Lembrando:

O vídeo precisa ter de 1 a 3 minutos

No máximo 4GB

Salvo como MP4 ou MOV

Proporção da Tela tem que ser 9:16.



Figura 14. Print dos stories na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2021.

Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

A.4. Vídeos de Divulgação do Manual

Os vídeos de divulgação do Manual de Videoarte Vertical, como dito anteriormente, foram desenvolvidos com base no “Um Guia Pussy Riot para o Ativismo” (TOLOKONNIKOVA, 2019), foi então desenvolvido um roteiro para tais vídeos, e contou-se com a colaboração de três mulheres para a produção de tais vídeos.

O livro “Um Guia Pussy Riot para o Ativismo” (TOLOKONNIKOVA, 2019) é dividido em 10 regras e planos de ação desenvolvidos pela autora Nadya Tolokonnikova. As regras em questão são: “Regra nº1: Seja Pirata”; “Regra nº2: Faça você mesmo”; “Regra nº3: Recupere a Alegria”; “Regra nº4: Faça o governo cagar nas calças”; “Regra nº5: Seja um delinquente artístico”; “Regra nº6: Identifique os abusos de poder”; “Regra nº7: Não desista fácil. Resista. Organize-se”; “Regra nº8: Escape da prisão”; “Regra nº9: Crie Alternativas.”; “Regra nº10: Sejamos pessoas”.

Assim, ao redigir o texto para o roteiro do vídeo, pensou-se inicialmente nessas regras citadas acima, que Nadya apresenta, e foram definidas 8 partes para compor os vídeos de divulgação.

Roteiro dos vídeos produzido a partir do “Um Guia Pussy Riot Para o Ativismo”:

Parte 1

o feminismo interseccional mostra como as opressões de gênero, classe e raça atormentam a sua vida
manifeste seu ponto de vista no nosso projeto

Parte 2

e aí, você quer mudar algo, tem alguma coisa que te incomoda
hahaha (expressão facial, gesto) acho que sim
primeiro você tem que saber como a coisa pega em você, mesmo que isso doa muito, para depois propor uma mudança.
escolha o seu tema, faça o seu vídeo, e venha para o nosso projeto

.....

Parte 3

sorrir é um ato de resistência, sorria, não dê importância (expressão facial, gesto)
tente conquistar o coração do vilão

Parte 4

nossos valores são: a alegria, o poder, a coragem e a inspiração
para a ação temos: a luta, a travessura e a máscara
e nossa personagem é a bruxa.

Parte 5

a arte amplia sua voz, às vezes com o microfone e alto-falante
no projeto queremos criar uma realidade alternativa
faça um vídeo e divida seus conflitos com a gente

Parte

identifique, fale, nomeie e lute contra o abuso de poder estabelecido
erga sua voz, abra sua câmera e compartilhe sua experiência
vão dizer que vc é histérica, mas na real vc é uma louca feliz porque conhece a alegria de dizer a verdade

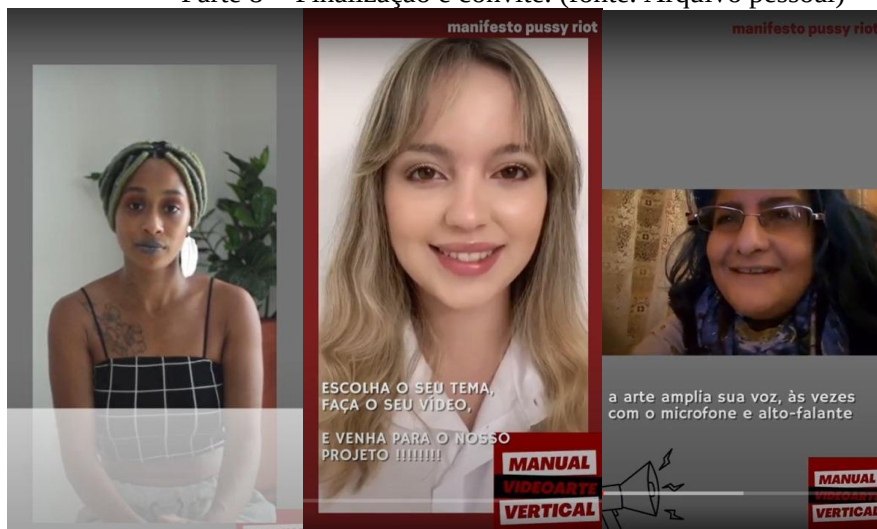
6

Parte 7

resista, transforme, recupere sua força e crie um futuro alternativo o que vc aprendeu com a arte?

- Eu aprendi: Uma combinação de zen, força de vontade, tranquilidade e persistência
- Eu aprendi: A não me importar quando os outros estão com raiva de mim
- Eu aprendi: A ser grata e a jogar fora as expectativas gananciosas sobre a vida e as pessoas que me cercam.
- Eu aprendi: A me entregar plenamente às ações que realizo.
- Eu aprendi: A não ter vergonha de quem sou.
- Eu aprendi: Que não estou presa à ideia de que ninguém se importa com o que eu faço.
- Eu aprendi: A rejeitar o gaslighting político.
- Eu aprendi: A me fazer de trouxa e continuar agindo, mesmo que nunca consiga mudar as coisas

Parte 8 - Finalização e convite. (fonte. Arquivo pessoal)



Figuras 15, 16, 17. Print das publicações na plataforma instagram, @videoarte_ativista, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://www.instagram.com/videoarte_ativista/

Dessa forma, com os vídeos produzidos buscou-se delimitar de maneira clara o tema do projeto e incitar produções autorais das espectadoras, que compartilhem de forma artística suas experiências e vivências. O resultado é a produção de um Manual de Videoarte Vertical que possibilite tais produções e ao mesmo tempo proporcione um local de compartilhamento de perspectivas diversas, que gerem lugar de fala.

A.5. Site do Manual de Videoarte Vertical

Foi desenvolvido um site, na plataforma de sites do google, para a divulgação do Manual de Videoarte Vertical e também da fundamentação teórica da pesquisa “Tecnologia e

Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte Vertical” de uma forma simplificada para atingir espectadoras de todas as áreas.

Na Página Inicial do site têm-se o título: “Manual de Videoarte Vertical”, “Tecnologia e Ativismo Curatorial - Manual de Videoarte Vertical”; “Projeto sem fins lucrativos”; “UNESP-Bauru”.



Figura 18. Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora, 2022. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/manual-de-videoarte-vertical/p%C3%A1gina-inicial>

Abaixo é descrita a missão do projeto: “O projeto visa o empoderamento feminino, por meio do Manual de Videoarte Vertical, e pela criação de um espaço que permita o exercício de lugar de fala de mulheres, fundamentado na Interseccionalidade de Akotirene. Como parte da pesquisa de Mestrado “Tecnologia e Ativismo Curatorial: Manual de Videoarte Vertical”.

Após essa seção é apresentado o perfil do instagram “@videoarte_ativista”, e é informado também o e-mail do projeto para contato, dúvidas, etc. “videoarte-ativista@gmail.com”.

Todas as imagens que foram utilizadas para identidade visual do projeto compõem a estética do site, e consequentemente do manual, são fotografias artísticas de autoria da criadora do projeto.

A segunda aba do site é descrita como “MANUAL” e contém o link de acesso ao Manual de Videoarte Vertical na plataforma “issuu”. (<https://sites.google.com/unesp.br/manual-de-videoarte-vertical/manual>)

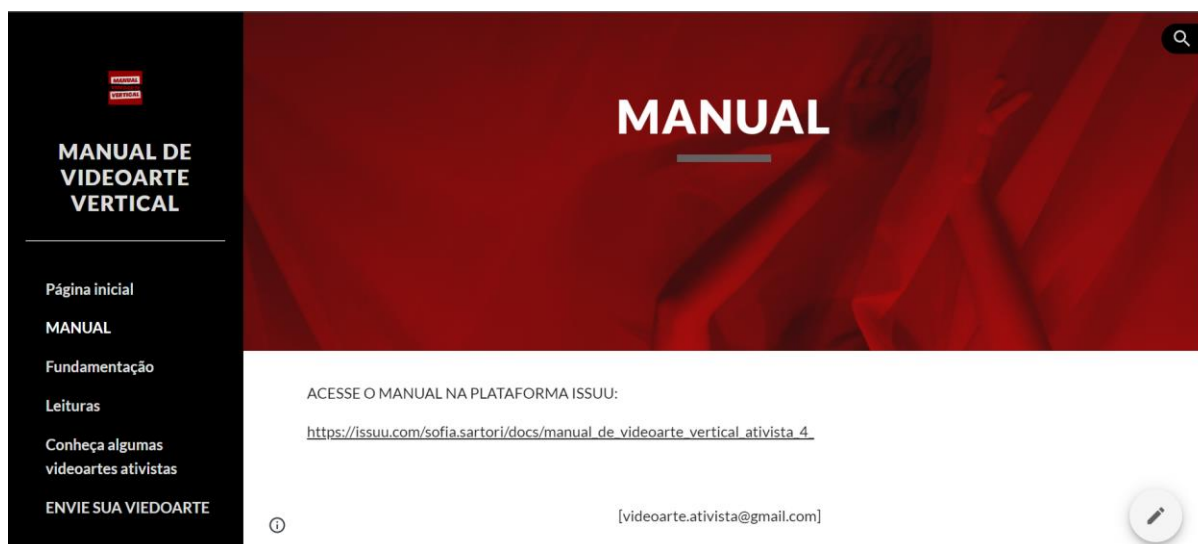


Figura 19. Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora, 2022. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/manual-de-videoarte-vertical/manual>

A terceira aba do site é composta pela fundamentação teórica da pesquisa e visa explicar aos espectadores para que serve o projeto. Inicia-se essa parte com o texto: “A Pesquisa de Mestrado “Tecnologia e Ativismo Curatorial - Manual de Videoarte Vertical” contempla a Agenda 2030 da ONU com o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5, que busca “Alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas”.” Seguido de: “Aplicamos a teoria de Ativismo Curatorial de Maura Reilly, para aproximar artistas e espectadores, e reforçar a necessidade de criação de ferramentas acessíveis e empoderadoras.”



Figura 20. Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora, 2022. Link:

<https://sites.google.com/unesp.br/manual-de-videoarte-vertical/fundamenta%C3%A7%C3%A3o>

Então são divididas seis partes que falam dos seis mais importantes tópicos para a pesquisa. Os tópicos são: “Ativismo Curatorial - Maura Reilly”; “Ferramentas Acessíveis e Empoderadas”; “Sobre Ativismo Digital”; “Arte Ativista”; “Arte do Vídeo”; e por fim, “Vídeo Vertical”.

Em cada título é possível clicar e acessar um pequeno texto explicando a fundamentação teórica de forma simples e concisa. Os títulos e textos presentes na aba “Fundamentação” do site do Manual de Videoarte Vertical são, respectivamente:

“Ativismo Curatorial - Maura Reilly

O Ativismo Curatorial existe para gerar mudanças no mundo artístico e na sociedade. Indivíduos envolvidos no ambiente artístico e curatorial devem trabalhar juntos, com o propósito de reparar as exclusões e preconceitos enraizados no sistema, para que a disseminação do conhecimento propicie uma sociedade mais empática e consciente, e que consiga reparar seus danos.”

“Ferramentas Acessíveis e Empoderadoras

Antropoceno - nomeia a época em que a humanidade causa mudanças geológicas no planeta Terra.

é dividido em três momentos:

1º - impacto que os seres humanos causam no planeta

2º - consciência que indivíduos têm das consequências planetárias que causaram.

3º - respostas planetárias reflexivas dos próprios indivíduos, buscando a reparação dos danos causados.

Comum - a estratégia do 3º momento do Antropoceno, quer que a própria estrutura se modifique e encontre estratégias revolucionárias, para poder assim, trazer os questionamentos políticos, sociais e as necessidades de mudança que a sociedade contemporânea requer.

Interseccionalidade

O feminismo interseccional tem sido apontado como uma importante teoria na compreensão de como as opressões de gênero, classe e raça dentre outras, se relacionam entre si e interferem na vida de cada mulher, que acaba assim por experimentar a opressão de gênero a partir de um ponto de vista único. (FIGUEIREDO, 2020)

Tem o objetivo de desfazer a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única. (AKOTIRENE, 2020)

A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas.

A interseccionalidade é uma sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isso é tão difícil engolir seus fluxos feitos mundo afora. (AKOTIRENE, 2020).”

“Sobre Ativismo Digital

Ativa participação dos usuários por meio da produção de conteúdos e colaboração.

Hoje é tão legítimo querer mudar o mundo quanto querer mudar o seu mundo.

Os telefones e as redes permitem navegação mais barata e possibilitam o ativismo digital e abrem espaço para que todas possam divulgar e promover suas ideias a qualquer momento, em qualquer lugar.

O ativismo é feito pelos grupos que se unem motivados por causas que pensamos ser particulares mas são encontradas em todo momento.

O primeiro congresso internacional de ativistas ocorreu em 2003 e busca fomentar a auto comunicação de massa que é responsável pelos movimentos sociais no mundo contemporâneo.(SILVA, 2016)”

“Arte Ativista

O termo Arte Ativista, frequentemente confundido com A(r)tivista ou Artivista, tem origem em 1996. Foi criado pelo coletivo norte americano Art Ensemble.

O termo Arte Ativista foi introduzido para definir as artistas ativistas, ou em outras palavras, pessoas, artistas ou não, que fazem o uso de tecnologias e mídias diversas, para intervir na sociedade, com ações artísticas, sem necessariamente ser artista por formação.”

“Arte do Vídeo

O vídeo surge como ferramenta política, na década de 60 e até hoje é usado para reflexões artísticas.

A maioria dos vídeos iniciais tinham como característica um plano-sequência que registrava a performance ou atitude criativa do artista. Essas obras já mostravam uma intertextualidade entre a ação performática do artista e o aparato eletrônico.

O vídeo e a performance são os mais adequados para o ativismo feminista, uma vez que, são suportes efêmeros, de fácil disseminação e compreensão.

Artistas mulheres com ideias feministas e desejo de ressignificar seus corpos, passam a produzir obras que promovam um novo olhar, modificando e redefinindo o que é o corpo feminino.

O patriarcado construiu uma representação do corpo feminino que expõe sua materialidade e vulnerabilidade. Cabe às artistas manipular os conteúdos simbólicos presentes nas obras videográficas e ressignificarem esse conceito.

O vídeo ocupa espaço significativo no mundo artístico, desde o começo do século XX, sendo uma linguagem de fácil acesso tanto para produtores como para espectadores é uma ferramenta de criação e inovação para divulgar ativismos feministas.”

“Vídeo Vertical

Pessoas passam cada vez mais tempo nos seus dispositivos móveis, o ativismo feminista percebeu o potencial do vídeo vertical para divulgação de suas ações porque este formato consegue captar a atenção das pessoas como nunca.

Há poucos anos o vídeo vertical era visto como uma anomalia e nos dias de hoje é tão natural como olharmos para a nossa televisão.

O vídeo vertical no celular proporciona diversão, disponibiliza informação, e é um meio que facilita a experimentação, a interatividade com respostas simultâneas.

Definimos essa ferramenta corriqueira, o vídeo vertical, para a divulgação do projeto e produção dos vídeos ativistas, junto aos espectadores contemporâneos.”

Já a quarta aba do site é chamada de “Leituras” e indica livros a espectadores, livros que fundamentaram a pesquisa e outros livros que também trazem a questão da temática do Manual de Videoarte Vertical, assim como artigos sobre temas mais específicos.

As indicações presentes nessa aba do site, são:

- “Um Guia Pussy Riot para o Ativismo” de Nadya Tolokonnikova de 2019;
- “Curatorial Activism, Towards an Ethics of Curating” de Maura Reilly de 2019;
- “Interseccionalidade” de Carla Akotirene de 2020;
- “Made in Brasil” de Arlindo Machado de 2007;
- “The Great Awakening” de Grear & Bollier de 2020;
- “La Interrupción del vídeo vertical” de Pedro Amorós;
- “Análise do vídeo vertical” de Bruno Lourenço de 2018;

- “Interseccionalidades” de Nzinga Mbandi de 2019;
- “Mundo Mulher” de Aminder Dhaliwal de 2020;
- “A origem do mundo” de Liv Strömquist de 2019;
- “Sejamos todos feministas” de Chimamanda Ngozi Adichie de 2014.

A quinta página do site é intitulada: “Conheça algumas Videoartes Ativistas”; “Do Acervo Videobrasil Online” “<https://site.videobrasil.org.br/>”. Essa aba pretende contemplar a influência que as obras em vídeo estudadas durante a pesquisa, também pudessem servir de inspiração às espectadoras que entrarem em contato com o site.

Então são colocadas as obras já citadas anteriormente na descrição da “Mostra Ativista Colaborativa Online”, na mesma ordem. Lista-se aqui apenas os títulos, autoras e ano das obras em questão, seguidas dos links de acesso pela plataforma Videobrasil Online:

1. “ "Mientras paseo en cisne", 2010, vídeo, 8'27", Lara Arellano”
(<https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/1349530>)
2. "The Chrysalis", 2010, vídeo, 6'37", Petrina Hicks”
(<https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/1349661>)
3. "Sergio e Simone", 2010, vídeo, 9'21", Virginia de Medeiros”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1689059>)
4. "Conversation Piece", 2012, videoinstalação, Gabriela Golder”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1687692>)
5. "Samba #2", 2014, vídeo, 3'4", Chamecki Lerner”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1801630>)
6. "Trans Amazônica", 2013, vídeo, 1'11", Luciana Magno”
(<https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/1801336>)
7. “ABC-lynching 2014, vídeo, 11', Maria Kramar”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/1801503>)
8. “Faz que vai 2015, vídeo, 11'54", Bárbara Wagner e Benjamin de Burca”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2203081>)
9. "Ensaio Ilú Obá de Min", 2015, vídeo, 1'40", Graziela Kunsch”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2203122>)
10. "Das avós", 2019, videoinstalação, Rosana Paulino”
(<https://site.videobrasil.org.br/acervo/obras/obra/2227443>)
11. "The politics of choice and the possibility of leaving", 2018, vídeo, 15', Megan Heilig”
(<https://site.videobrasil.org.br/pt/acervo/obras/obra/2223254>)

A sexta e última página é intitulada: “ENVIE SUA VIDEOARTE”. Onde se encontra um simples formulário em que as espectadoras e espectadores que já tenham lido e colocado em prática o manual, possam enviar suas produções e que possamos assim publicá-las futuramente no perfil do instagram “@videoarte_ativista”.

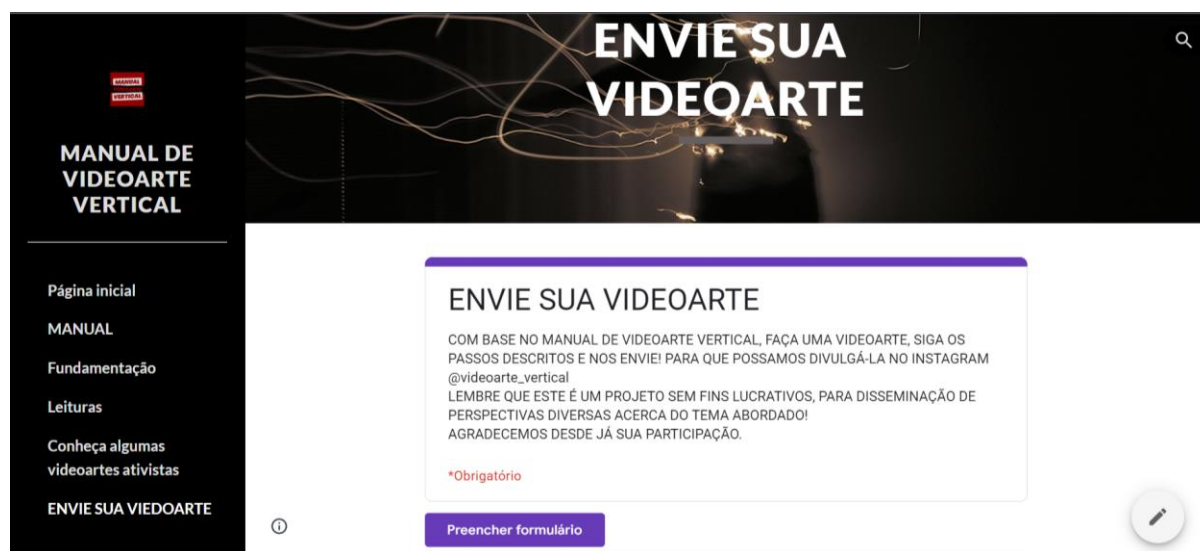


Figura 21. Print do site do Manual de Videoarte Vertical, desenvolvido pela autora. 2022. Link: <https://sites.google.com/unesp.br/manual-de-videoarte-vertical/envie-sua-videoarte>

A.6. Manual de Videoarte Vertical disponível na plataforma "Issuu"

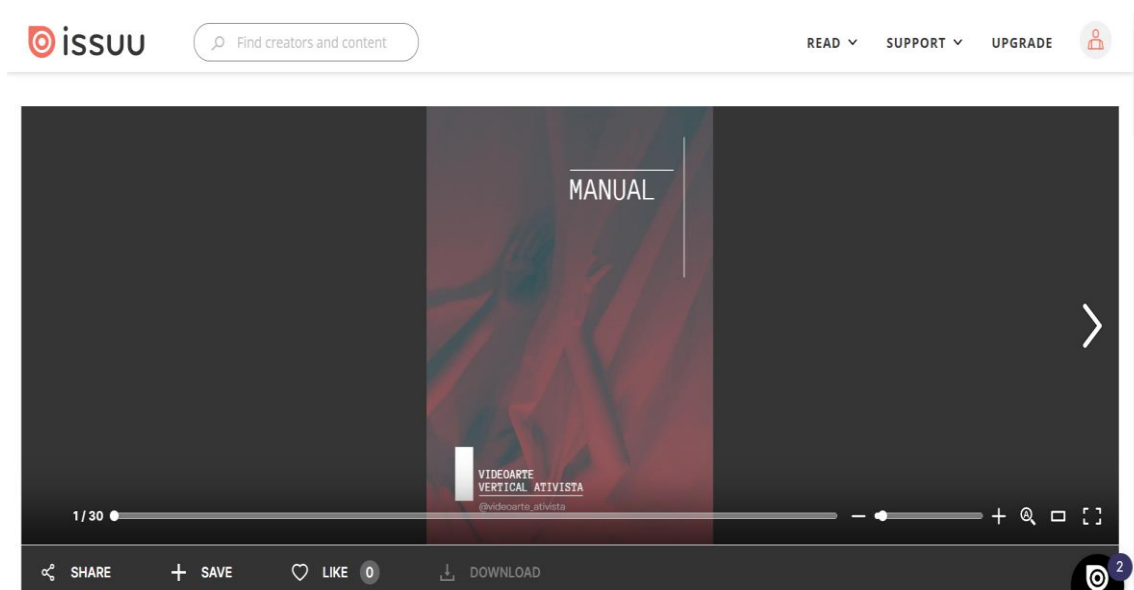


Figura 22. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma Issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4_

Como dito anteriormente, a identidade visual do Manual de Videoarte Vertical e dos perfis e produções derivados desta pesquisa, é baseada nas produções fotográficas da autora dessa pesquisa. Estas estão disponíveis no perfil do instagram “@sss.art_”.

A capa do Manual de Videoarte Vertical utiliza uma dessas imagens, que apresenta um corpo envolto por um tecido, com iluminação avermelhada. A capa possui também a indicação do instagram do projeto: “@videoarte_ativista” para que fique claro que ambos estão conectados.

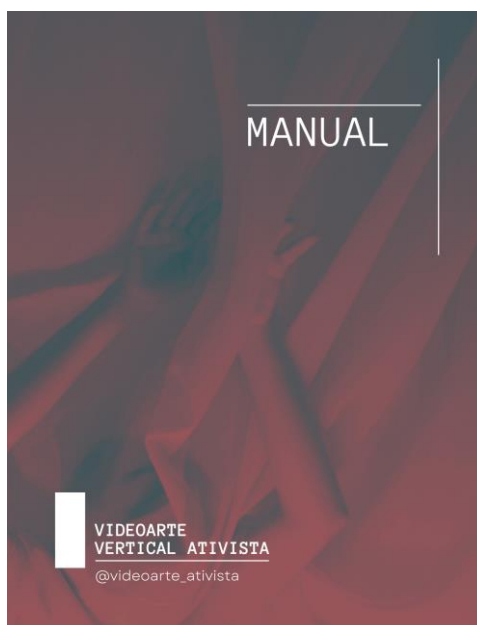


Figura 23. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

Na contracapa encontra-se uma breve descrição sobre o Manual de Videoarte Vertical: “Produto como parte do projeto de pesquisa de mestrado desenvolvido na UNESP-Bauru. Intitulado - Tecnologia e Ativismo Curatorial - Manual de Videoarte Vertical”.

Após essa parte é colocado o Sumário, que é dividido em: Objetivos; Conceitos; Passo a Passo; Compartilhe.



Figura 24. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora, 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

As duas páginas de objetivos trazem a pergunta inicial da pesquisa: “Como o Ativismo Curatorial faz uso de tecnologias e mídias para aproximar espectadores?”. Ao lado são apontados o objetivo geral da pesquisa e o objetivo específico que contempla a criação do Manual de Videoarte Vertical em questão.

O objetivo geral é descrito como: “criação de um Manual de Videoarte Vertical Ativista a partir da investigação da função do vídeo no Ativismo Curatorial.”

O objetivo específico é descrito como: “propor um Manual de Videoarte Vertical de cunho ativista com tema arte do vídeo e tecnologia experienciados por mulheres.”

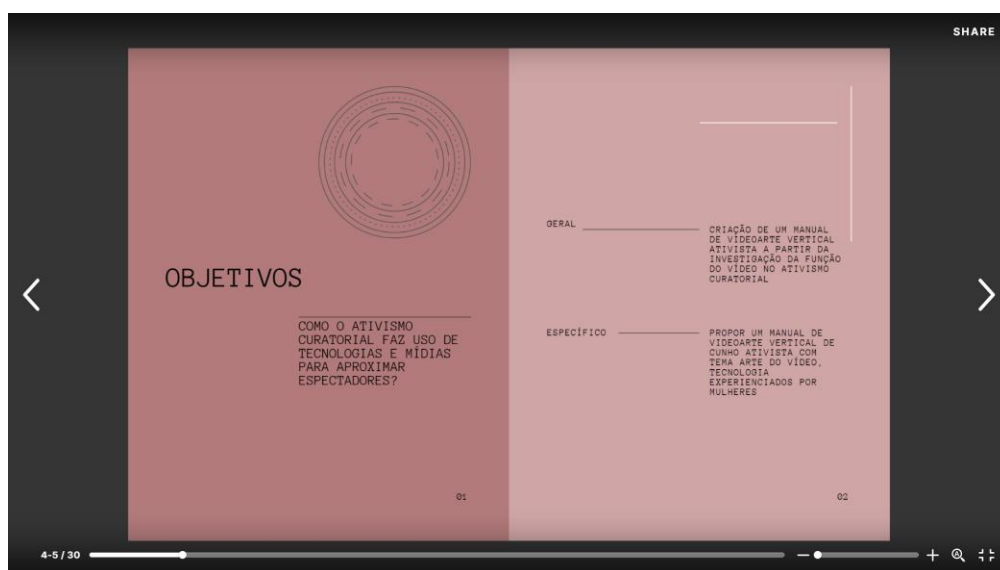


Figura 25. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora, 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

Após essa parte vem o capítulo que aborda os conceitos da pesquisa, em outras palavras, a fundamentação teórica.

Esse capítulo é dividido em oito subtópicos:

- Para que serve o projeto?
- O que é Ativismo Curatorial?
- Faça você mesma uma videoarte!
- Como fazer ativismo digital?
- Conheça a Arte Ativista!
- Como você pode fazer Arte do Vídeo?
- Porque vídeo vertical?
- PASSO A PASSO - Como fazer uma videoarte vertical ativista?

Cada tópico deste capítulo é seguido de um texto breve, porém com informações essenciais para que seja possível produzir Videoartes Verticais Ativistas. É explicado qual é o lugar no mundo para este projeto, e qual a necessidade e relevância de sua existência.

No manual presente na plataforma “issuu”, tem-se todos os textos utilizados no site do Manual de Videoarte Vertical, porém com uma visualidade diferente, contém símbolos imagéticos, diagramação padronizada, e conta com os links de acesso às obras textuais citadas. Além claro dos links do perfil do instagram e do site.

Abaixo são apresentadas imagens do Manual de Videoarte Vertical conforme cada subtópico:

“Para que serve o projeto?”/ “O que é Ativismo Curatorial?”

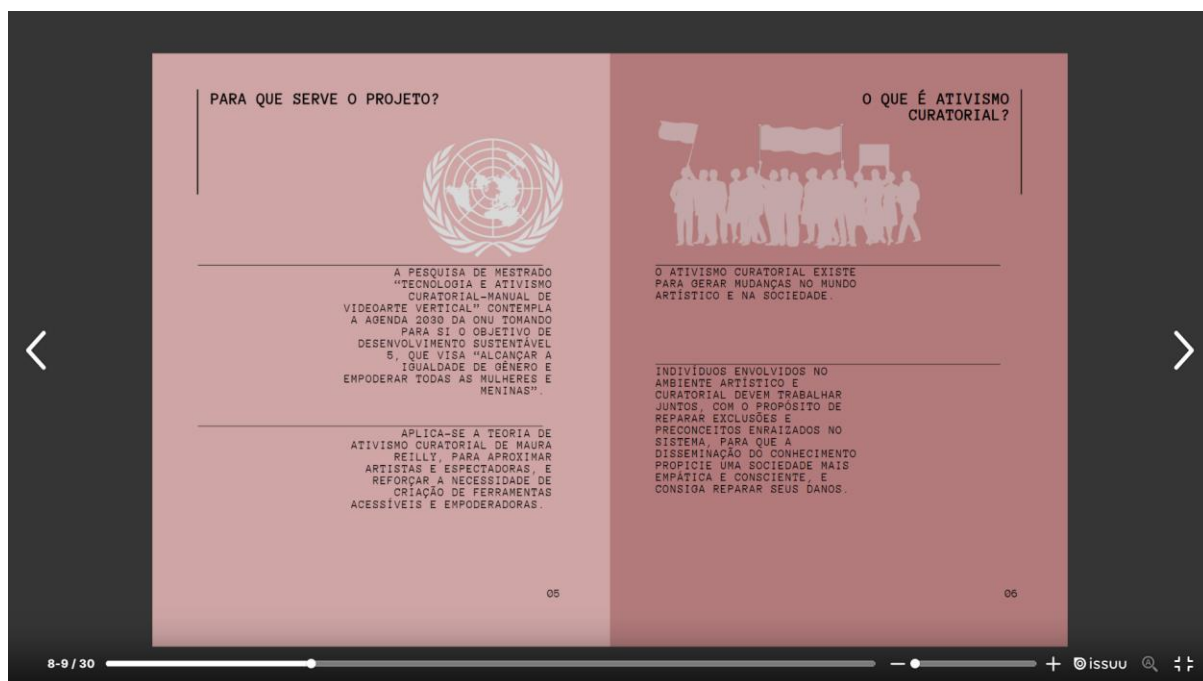


Figura 26. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora, 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

“Faça você mesma uma videoarte!”



Figura 27. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora, 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

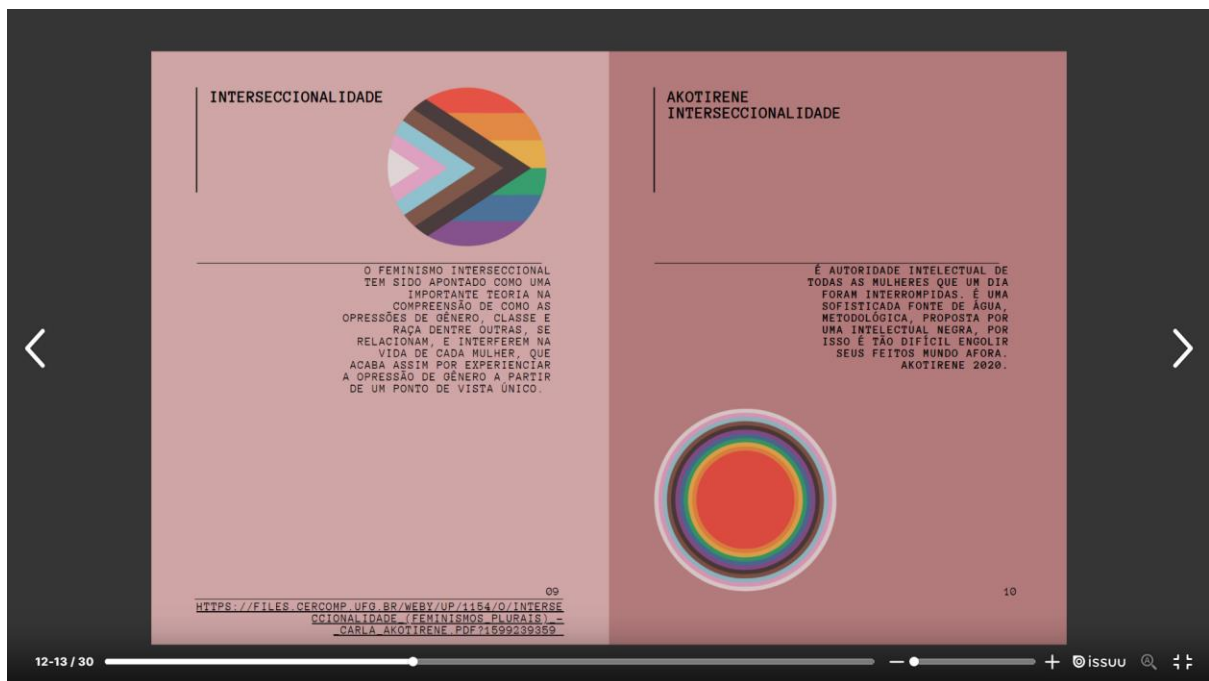


Figura 28. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

“Como fazer ativismo digital?”

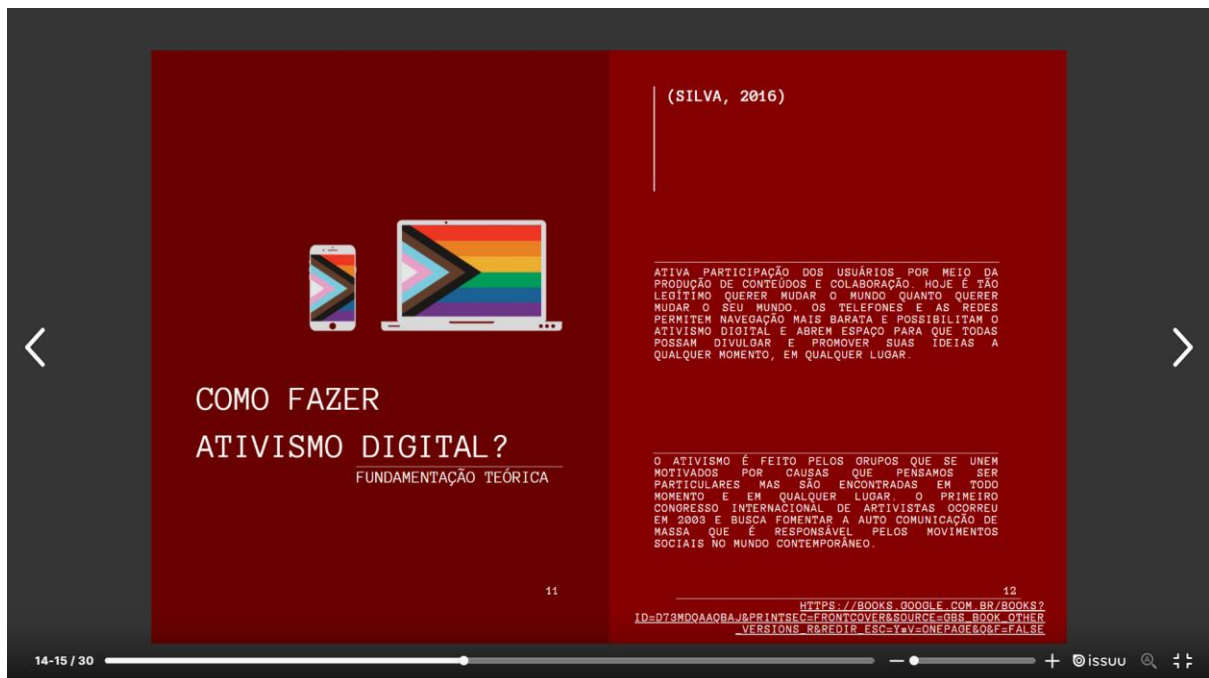


Figura 29. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

“Conheça a Arte Ativista!”



Figura 30. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link:https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

“Como você pode fazer Arte do Vídeo?”

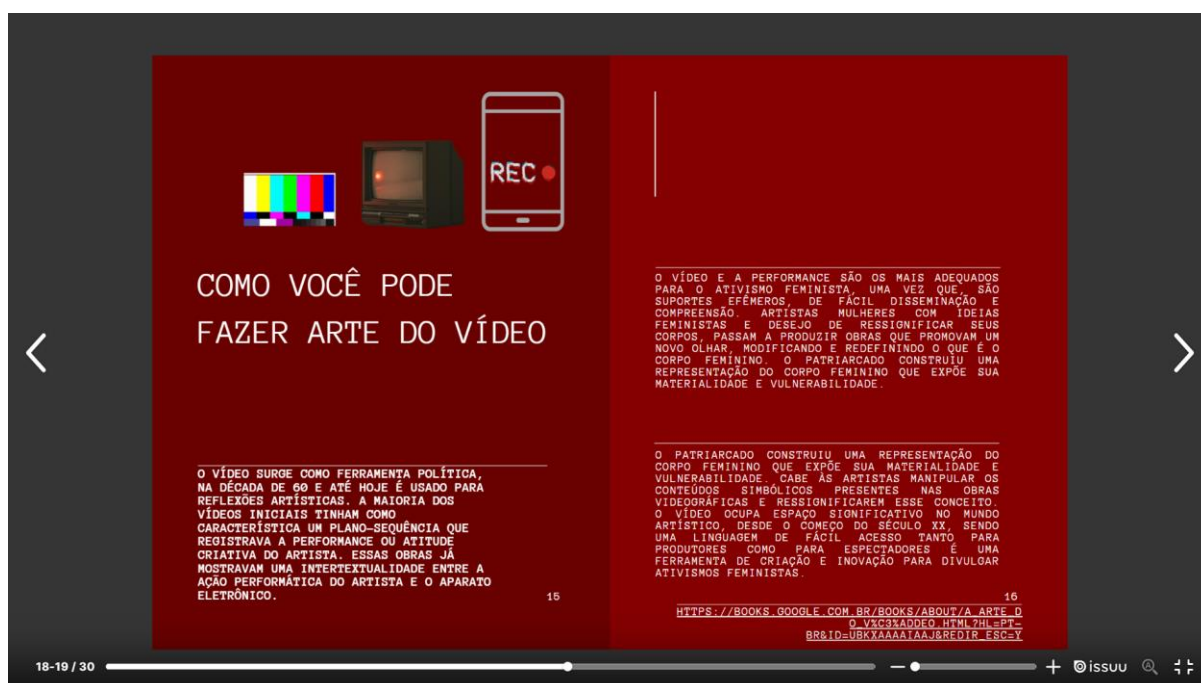


Figura 31. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link:https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

“Porque vídeo vertical?”



Figura 32. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

“PASSO A PASSO - Como fazer uma videoarte vertical ativista?”



Figura 33. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

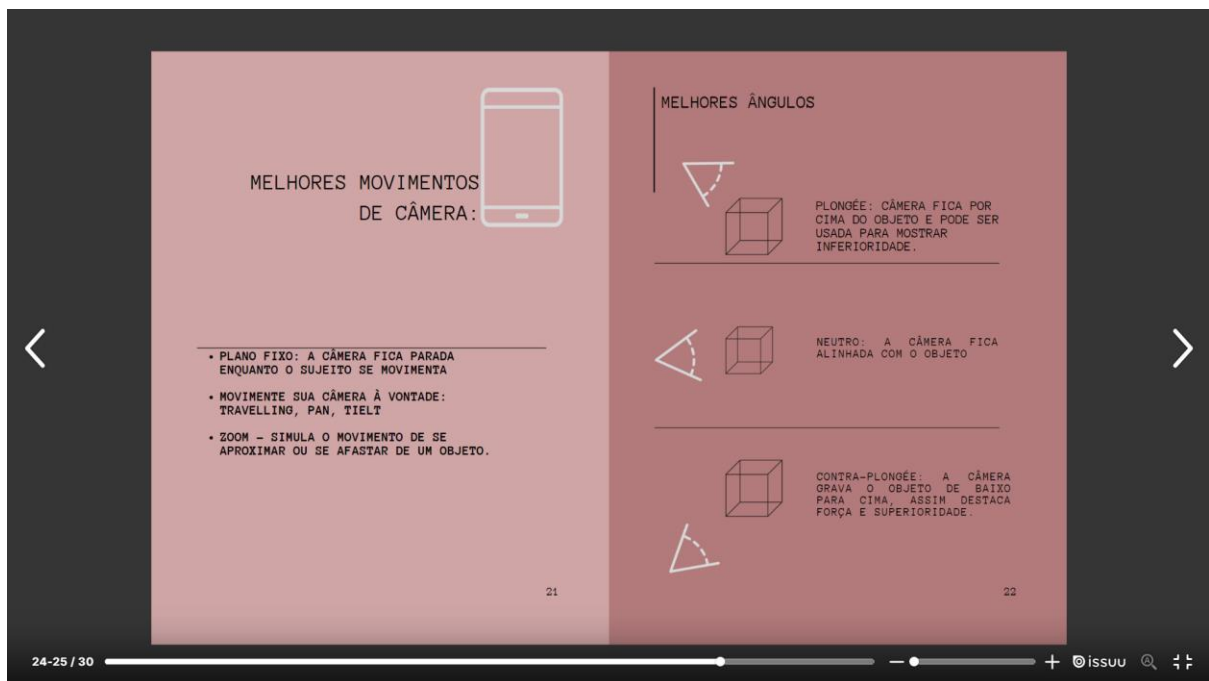


Figura 34. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link:https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4



Figura 35. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora. 2022. Link:https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4



Figura 36. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora, 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

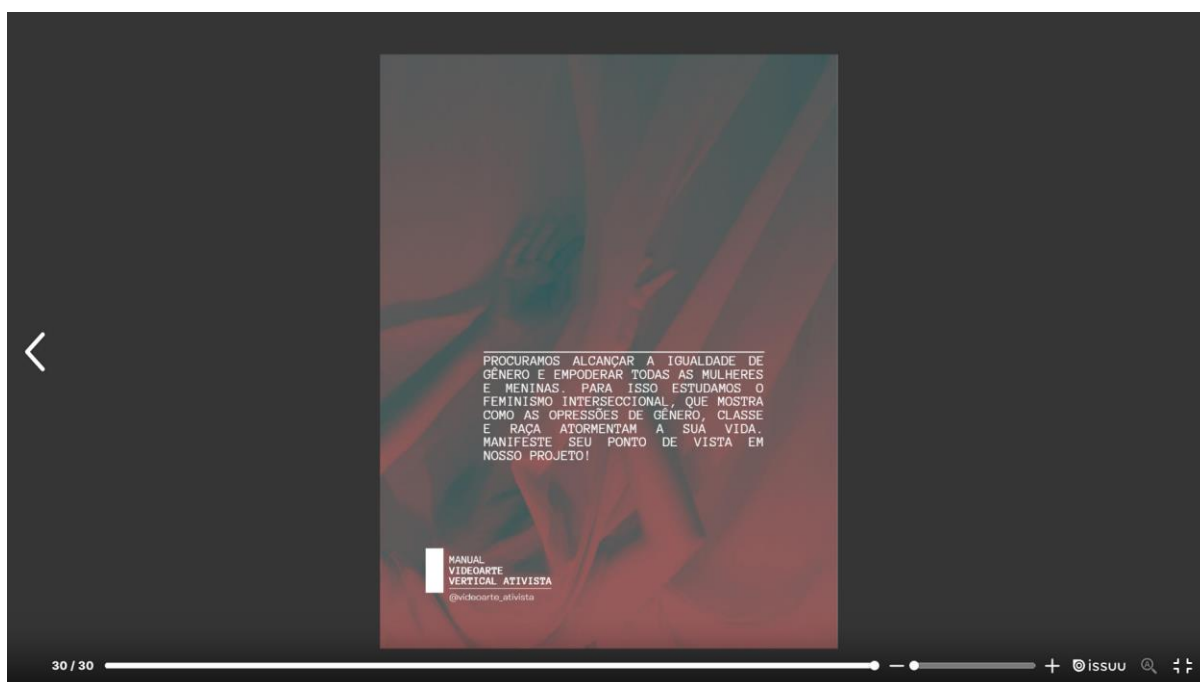


Figura 37. Print do Manual de Videoarte Vertical Ativista disponível na plataforma issuu, desenvolvido pela autora, 2022. Link: https://issuu.com/sofia.sartori/docs/manual_de_videoarte_vertical_ativista_4

2.3. O audiovisual contemporâneo como meio de criar um comum para a sociedade - Manual de Videoarte Vertical Ativista.

Neste tópico do relatório entendemos ser necessário tecer comentários sobre as relações observadas durante a produção do Manual de Videoarte Vertical Ativista e o audiovisual contemporâneo e a hipótese de que este serve de maneira eficaz como um meio, canal ou veículo para criação de um comum para a sociedade.

Não vamos retomar pontos já destacados nos capítulos anteriores mas cabe ressaltar que a partir da questão que levou a realização da pesquisa, a saber “Como o Ativismo Curatorial faz uso de tecnologias para aproximar espectadores?”, o objetivo foi criar um ambiente comum que possa aproximar espectadoras da arte. Esse ambiente comum foi embasado nas teorias que fundamentaram a pesquisa como o conceito de comum e ativismo curatorial e na emergência de produções interativas, interseccionais e decoloniais no âmbito artístico fundamentado no Objetivo de Desenvolvimento Social 05 da Agenda 2030 da ONU que visa empoderar todas as mulheres e meninas.

De igual forma, a pesquisa sempre teve como foco a emancipação de espectadores e espectadoras com base na teoria de espectador emancipado (2010) do filósofo contemporâneo Jacques Rancière, que defende a necessidade de estreitar o abismo entre espectadores da sociedade contemporânea e os artistas tidos como mestres do mundo artístico, no qual Rancière diz que espectadores podem ir à atividade perante obras de arte por meio de criações interativas que envolvam vídeo por exemplo. Então a criação do manual foi também fundamentada nessa teoria, principalmente em questão de justificativa mas também de motivação e pertinência dentro da sociedade contemporânea atual.

Após a produção do Manual, definiu-se como essencial o apontamento dos conceitos de Comum presentes na fundamentação bibliográfica da pesquisa, e conectou-se também o papel da videoarte e do vídeo vertical junto à emergência de ativismos curatoriais na contemporaneidade. Neste ponto da bibliografia investigada encontramos diferentes perspectivas sobre o conceito de Comum. No entanto, optamos por explorar o conceito de Comum de Ana Grear e David Bollier, conforme já apresentamos na fundamentação teórica de base no capítulo dois.

Com base nas dificuldades apontadas pela teoria de Ativismo Curadoria de Maura Reilly criou-se uma possível solução - O Manual de Videoarte Vertical - e com ele pretendeu-se esse lugar comum para que espectadoras se conectem com obras audiovisuais criando-as de uma forma interativa a partir do Manual.

Revisita-se assim, o conceito de Ativismo Curatorial que Maura Reilly apresenta. A autora aponta a responsabilidade que indivíduos presentes no âmbito artístico têm de reparar as exclusões institucionalizadas, relacionadas a gênero, classe e raça.

O Manual de Videoarte Vertical desenvolvido, pretendeu criar um âmbito também de reparação e de lugar de fala para indivíduos pertencentes ou não ao mundo artístico. A pesquisa então, tomou para si as necessidades da sociedade contemporânea de reparação das exclusões de gênero, classe e raça e com base nas fundamentações teóricas anteriormente citadas, propôs-se esse produto como um âmbito de reparação para tais exclusões.

A forma como Reilly finaliza seu livro, com o capítulo “Falando de volta” em que ela cita e fundamenta a partir da autora Bell Hooks. Ambas apontam a necessidade de pessoas continuarem produzindo obras ativistas e também a falar de volta para a sociedade que ainda é excludente, e assim é salientada a necessidade de continuar criando, destacando os problemas da sociedade; responder a todo esse contexto excludente, gerar discussões para que cada vez mais pessoas prestem atenção nestes problemas.

O Manual de Videoarte Vertical é uma ferramenta para que cada vez mais pessoas, do ambiente artístico ou não, possam fazer uso do Manual, das plataformas abertas disponíveis, falando de volta para a sociedade, ao destacar problemas que ainda existem, informando e fazendo com que mais indivíduos parem para refletir sobre tais questões.

Portanto, nesta pesquisa pretendeu-se defender, assim como Reilly, que é necessário enfrentar os problemas da sociedade, principalmente os de exclusão relacionada a gênero, classe e raça, para que mais pessoas possam pensar juntas e que seja possível encontrar estratégias e soluções que garantam oportunidades e exposição iguais. E a criação de um ambiente artístico justo não precisa ser um bicho de sete cabeças, podemos pensar juntos em como criar esse ambiente. E o Manual de Videoarte Vertical é apenas um passo a mais dentro desse âmbito de transformação.

Outra teoria pertinente a ser retomada na conclusão deste Relatório Final, é a de comum, que vem inicialmente da teoria de Antropoceno apresentada por Grear e Bollier (2020). Eles comentam sobre como esse ambiente comum, em que vários indivíduos trabalham juntos para reparar os danos que humanos causaram à sociedade, existe a importância da perspectiva individual de cada um que compõe esse todo.

No Manual de Videoarte Vertical é salientada a importância da perspectiva pessoal mostrada nas Videoartes Verticais que serão produzidas, para compor posteriormente, um todo de obras que apresentem esses pontos em comum entre várias mulheres.

Para André Mesquita, o tema *comum* se apresenta como os coletivos que ele estuda para demonstrar as insurgências poéticas de artes ativistas. "Coletivo" é a condição ontológica da existência de células e grupos de indivíduos que buscam em novas conexões a inclusão e o fortalecimento político e tecnológico." (MESQUITA, 2011, p.135)

Ele também apresenta como esses coletivos já são utilizados pelos poderes políticos contra o povo "O que parece cada vez mais evidente nesta situação é a capacidade que governos, exércitos e corporações têm em administrar, sequestrar, cooptar e militarizar a inteligência coletiva e o discurso radical em diversos aspectos." (MESQUITA, 2011, p.137)

Assim essa fundamentação é essencial para se pensar curadorias ativistas, já que o âmbito artístico é diretamente influenciado pelos poderes políticos, é essencial refletir sobre como pode-se usar essa ferramenta para transformar os âmbitos curatoriais em menos excludentes, menos brancos e menos masculinos e menos heteronormativos.

O autor mostra por meio de uma visão de um coletivo, como o individual dentro do coletivo pode causar uma diferença dentro da sociedade. Colocou-se então esse questionamento comparado ao propósito do Manual de Videoarte Vertical, que visa empoderar indivíduos para que produzam e compartilhem obras, com suas perspectivas individuais e posteriormente participem desse todo, que é o perfil do instagram, assim o individual é essencial, para que se componha um todo ativista que vá causar uma mudança positiva e criar um âmbito curatorial mais diverso que não se limite às normativas brancas, masculinas e heterossexuais.

Já outro estudioso importante para essa discussão, é Tarcisio Silva (2016), que traz uma perspectiva específica ao Ativismo Digital e como ele pode ter um impacto na sociedade. Afirma como o corpo do espectador se relaciona aos seus dispositivos e consequentemente se relaciona ao que lhe é apresentado nas telas.

O consumo de mídia tem se tornado muito mais individualizado, mais dependente do computador e outras telas individuais. Das diversas consequências desse processo, podemos apontar que a interação entre nós e as mídias aumentou. Utilizamos mais o corpo (o tato principalmente) na interação com essas novas mídias. (SILVA, 2016, p.140)

Também discute os tipos de imagens que causam alguma mudança política, que normalmente vêm de âmbitos não organizacionais, e com características da população por meio de indivíduos e seus posicionamentos políticos.

Entendermos que relações podem ser construídas a partir da análise de imagens amadoras de cunho político no mundo contemporâneo e que ganharam ampla divulgação a partir das redes digitais de comunicação. Fica evidente novamente a presença de elementos biopolíticos que compõem parte

significativa da análise dessas imagens. Os mesmos elementos contribuem para entendermos a razão de essas, e não outras imagens, terem se tornado objeto de discussão política que percorreu o debate nas mídias impressa, televisiva e digital. (SILVA, 2016, p.179)

Apresenta também como essas perspectivas individuais são frequentes e como acabam sendo absorvidas pelo jornalismo também, e adentrando movimentos sociais, mesmo que inicialmente tenham sido apenas uma opinião pessoal dentro de uma rede social.

Esse movimento pode ser um indício que, mesmo em tratando de atos de protestos surgidos de forma espontânea dentro da multidão, tais atos são fruto de uma resposta às forças biopolíticas que operam na sociedade e, ao tentar significar um contrário, acabam dialogando com o próprio sistema, o que justifica sobretudo sua rápida absorção pelo jornalismo corporativo e também pelas mídias digitais. Se existe uma nova política sendo feita por meio de redes sociais, ela está centrada em demandas de cunho vital e, portanto, não necessariamente novas e, se revolucionárias, são ainda assim, fruto de uma política centrada em demandas privadas e individuais em que se preza o direito à vida e à liberdade de expressão. (SILVA, 2016, p.180)

É retomado um aspecto da bibliografia já apresentada. Para agregar ao argumento de que a perspectiva individual é necessária para compor o comum e gerar algum tipo de transformação. Apresenta-se a teoria de Rancière (2010) de Imagem Pensativa, o autor auxilia na fundamentação desse aspecto quando faz a conexão entre a necessidade de obras que se relacionem aos espectadores de forma a instigar a atividade, e diz ainda que essas obras têm a característica potencializada por seus médiuns, ou seja, pela tecnologia.

O autor ainda comenta que esses novos dispositivos despertam novas possibilidades para as criações artísticas instigando atividade nos espectadores, assim o Manual de Videoarte Vertical pretendeu ser um desses médiuns que usa a tecnologia a seu favor para conectar a arte, as produções artísticas e a atividade dos espectadores.

O Manual de Videoarte Vertical faz essa conexão entre a tecnologia, as redes sociais e o aparato do vídeo, a videoarte em si, e nesse quesito é apresentado o autor Walter Zanini, para articular ao campo do audiovisual pensando especificamente na arte do vídeo, que é:

De baixo custo, com condição material precária, mas de fácil mobilidade no seu pequeno formato, o vídeo insere-se exemplarmente nas perspectivas de transformação estética inconfundíveis da década de 1960. Situamo-nos, evidentemente, nas condições do chamado processo de desmaterialização, como vimos. No limiar do uso dos recursos eletrônicos, tornava-se assim clara atitude crítica ao establishment da arte. (ZANINI, p.205, 2018)

E assim faz-se a conexão entre o ativismo curatorial que acontece de formas digitais e em coletivos à plataforma audiovisual de vídeo vertical, tendo em vista a necessidade de conexão com espectadores por meio de redes sociais, para que se relacionem com seus próprios

corpos de forma interativa com o manual, a justificativa da escolha do vídeo vertical como meio para produção dessas espectadoras é feita a partir de pesquisas contemporâneas perante a relevância do vídeo vertical no audiovisual.

Wagner Souza (2020) apresenta como o enquadramento vertical se torna pertinente para produções audiovisuais por conta do contexto contemporâneo em que *smartphones* fazem parte do novo normal de se consumir imagens diariamente:

A tela do celular, em conjunto com a ergonomia pensada para o seu uso, convida as pessoas a segurarem o equipamento na posição vertical. Sendo essa a escolha mais cômoda, não causa espanto que o paradigma da imagem horizontal esteja sofrendo mudanças. (SILVA, VELEI. p.42. 2020)

E o autor comenta ainda que essa escolha pela imagem no enquadramento vertical, deve ser comparada às selfies utilizadas também diariamente por espectadores. Assim, essa nova forma de audiovisuais verticais se relaciona com o contexto contemporâneo dos espectadores de uma forma mais pessoal: “É possível notarmos esse fenômeno como um novo momento de afirmação do ‘eu’ perante o mundo” (SILVA, VELEI. p.42. 2020)

A escolha do enquadramento vertical para as produções derivadas do Manual de Videoarte Vertical, visa trazer a perspectiva do espectador da forma mais pessoal possível, utilizando imagens e aparatos de seu cotidiano.

E também, especificamente sobre audiovisual e a emergência de mudança no campo do audiovisual para agregar produções verticais, discute-se:

A emergência de narrativas digitais, através de selfies e outras formas de intervenção individual, representa uma viragem ideológica em que “o autor” somos todos nós.” (...) “Trata-se de uma mudança de paradigma que importa debater e analisar à luz das novas mídias e das narrativas que a suportam, já que os modos de representação da experiência visual não cabem mais nas janelas de confinamento que a indústria audiovisual originalmente destinou a eles. (BIDARRA, J., & SEVERO, L. F. 2020, p.117)

Tendo em vista essa fundamentação teórica acerca do audiovisual vertical, pensa-se, para desenvolver um projeto que discuta a temática do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 05 da Agenda 2030 da onu, em como por meio do manual, criações de videoartes verticais, por parte da população poderia viabilizar um âmbito que diversas perspectivas femininas, poderiam se destacar. E essa fundamentação de perspectiva de mulheres da interseccionalidade vem fundada na teoria de Carla Akotirene e Nzinga Mbandi, que trazem a interseccionalidade de uma forma bastante didática e mostram como são fundamentadas por teóricas, filósofas negras que mostram todas essas interseccionalidades que se apresentam

quando se fala de um feminismo que realmente aborda perspectivas de mulheres em estado de vulnerabilidade.

Tem o objetivo de desfazer a ideia de um feminismo global e hegemônico como voz única. A interseccionalidade é a autoridade intelectual de todas as mulheres que um dia foram interrompidas. A interseccionalidade é uma sofisticada fonte de água, metodológica, proposta por uma intelectual negra, por isso é tão difícil engolir seus fluxos feitos mundo afora. (AKOTIRENE, 2020)

Nzinga Mbandi, apresenta em seu ebook sobre interseccionalidade, como todas as teóricas negras apresentam esse termo, e como isso se reflete no Brasil especificamente. Traz para a discussão a questão de lugar de fala, em que diz:

Quando voltamos o nosso olhar para entender o lugar de fala para além do indivíduo se torna mais simples a exemplificação. Pense por um instante na nossa sociedade fortemente marcada pelo racismo, classismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, capacitismo, transfobia e etarismo. Entendendo que todas essas discriminações são estruturais, fica um pouco mais fácil pensar quais são os grupos sociais que possuem seus discursos legitimados. Portanto, garantir espaço para que grupos que nunca antes tiveram oportunidade de falar sejam ouvidos é um dos maiores achados da perspectiva do lugar de fala. A ampliação desses lugares para falar e ser ouvido significa, entre outras coisas, a transformação do curso da história já que uma narrativa contada pelos “vencedores” não representa a mesma história vivida por aqueles que foram “vencidos”. (MBANDI, Nzinga, p.42, 2019)

Assim, apresentamos o Manual de Videoarte Vertical em questão como uma produção que visa criar esses novos lugares de fala, dentro de redes sociais, com plataformas abertas e de acesso à população no geral, de forma que essas mulheres que tiverem contato com o Manual possam mostrar suas perspectivas independentemente de formação, e dos padrões impostos pelo mundo artístico.

Ao final da pesquisa é reconhecida a emergência de projetos, coletivos e comuns que abordem temáticas referentes às tidas como minorias e faz-se também um recorte especificamente filosófico, acerca do trabalho das imagens em diálogo com a abordagem de Andrea Calderón e Jacques Rancière (2021), para discutir a relevância da produção do Manual de Videoarte Vertical e qual seria esse impacto na sociedade.

Com base em toda a fundamentação teórica que aborda o conceito de Interseccionalidade, como criar e fazer ativismos curatoriais, como trazer essas discussões para sociedade por meio da arte e como o vídeo vertical, especificamente, na contemporaneidade tem um alcance diferente, principalmente dentro de redes sociais, para que assim seja possível atingir espectadoras e incitar criações que discutam e tragam seus pontos de vista.

Concluiu-se que seria pertinente relacionar alguns aspectos abordados no texto “O trabalho das imagens” de Rancière e Calderón (2021), ao produto final desta pesquisa.

Aqui é sugerida uma expansão do conceito de comum tão citado ao decorrer deste Relatório. Questiona-se então, qual o trabalho de imagens que o Manual de Videoarte Vertical produzido nesta pesquisa poderia incitar? Foram feitas breves comparações entre o trabalho das imagens apresentado pelos autores do texto em questão (Rancière e Calderón) e o produto descrito e apresentado neste Relatório Final, (Manual de Videoarte Vertical).

No prefácio do livro “O Trabalho das imagens: conversações com Andrea Soto Calderón” (2021), Rancière fala sobre dar voz a uma massa indistinta dos que não vemos nem ouvimos. Diz que a comunidade transforma, reconstrói a ordem visível quando produz imagens que se relacionam ao modo de construir o mundo. Tais imagens rejeitam a ordem dominante e tecem um comum dentro do próprio movimento colocado em questão. (RANCIÈRE, 2021)

Ao observar o texto “O Trabalho das Imagens” (2021), observou-se que os autores comentam sobre o pensar das imagens a partir dos dispositivos que elas são produzidas. Assim, o Manual de Videoarte Vertical existe a partir dos dispositivos e do médium em que ele existe. O vídeo, neste contexto, foi apresentado como um canal para despertar uma relação sensível entre as espectadoras e a arte do vídeo.

Propõe-se o questionamento do trabalho da imagem do Vídeo Vertical a partir do Manual de Videoarte Vertical. Os autores citados acima falam que esse trabalho das imagens causa ligação e desconexão, por serem imagens que causam reflexão nos espectadores. Assim o leitor é convidado a pensar como as imagens derivadas do Manual de Videoarte Vertical produzidas nos *smartphones* das espectadoras, seriam a ligação entre as espectadoras e as plataformas tecnológicas em questão e até mesmo esse novo âmbito artístico dentro de redes sociais também pode significar a desconexão em relação aos meios acadêmicos convencionais.

Rancière (2021) também aborda imagens que causam dissidências, desentendimentos e que perturbam o sensível. Aponta que tais desentendimentos causam reflexão nos espectadores e possivelmente uma mudança na sociedade. Assim, concluiu-se que a Videoarte, os Ativismos Curatoriais, causam esses desentendimentos e consequentemente uma mudança na sociedade. Pretende-se que as produções derivadas do Manual de Videoarte Vertical também tenham essas imagens que causam reflexão.

Os autores também trazem a questão de visibilidade para “O trabalho das imagens” (2021) quando dizem: “Questionar o trabalho das imagens significa interrogar o que torna possível a visibilidade” (RANCIÈRE, CALDERÓN, 2021, p.22) assim traz-se a necessidade de criar âmbitos que proporcionem visibilidade para imagens e obras artísticas, como as

derivadas do Manual de Videoarte Vertical, que abordam perspectivas não normativas em relação a gênero, classe e raça. O manual pretende criar esse âmbito de visibilidade para as perspectivas de mulheres relacionadas especificamente às teorias de interseccionalidade apresentadas anteriormente neste Relatório Final.

Para que uma reconfiguração do espaço comum exista, para Rancière (2021), é necessário o conflito, a dissidência, pois a “reconfiguração do espaço comum só existe pela dissidência do conflito.” (RANCIÈRE, 2021, p.25) Então ao definir o tema abordado pelo Manual de Videoarte Vertical, inicialmente o Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5 que pretende a igualdade de gênero para todas as mulheres e meninas e posteriormente a Interseccionalidade. O fato de serem incitadas obras plurais com diversas perspectivas derivadas de um mesmo Manual de Videoarte Vertical e colocadas em um mesmo perfil de Instagram. Ao nos depararmos com esse dizer de que dissidências causam mudanças podemos concluir que um ambiente plural como esse pode sim causar mudanças na sociedade.

Outro ponto essencial para se discutir é o de autoria das obras de arte. Os autores do texto “O trabalho das imagens” (2021) dizem que sem a distância do que é dado, nenhuma emancipação ocorre. Salienta-se portanto, que em alguns momentos é necessário que o criador de imagens artísticas tenha uma certa distância das regras engessadas da academia, no caso do Manual de Videoarte Vertical, também uma distância das inúmeras regras sobre videoarte e audiovisual.

Para que as criações interajam com o público é essencial que esteja presente um pouco do próprio público em tais criações, a produção de indivíduos não necessariamente pertencentes à academia, serão viabilizadas de certa forma pelo produto da pesquisa aqui relatada.

Os autores do texto comentado acima comentam também acerca da reconfiguração das maneiras como consideramos as próprias imagens nesta pesquisa e no Manual de Videoarte Vertical aqui apresentado, pretendeu-se abrir um leque de possibilidades para mostrar mais perspectivas por meio de Videoartes Verticais. E também buscou-se mudar o ponto de vista de produções em Videoarte, trazendo-as para as redes sociais e aproximando-as dos espectadores.

Conclui-se a discussão refletindo acerca dos conceitos de formas efetivas de comunidade que ambos autores comentam, também no texto “O trabalho das imagens” (2021). É ressaltada a pertinência da produção, divulgação e prática do Manual de Videoarte Vertical.

Os autores Rancière e Calderón (2021) apresentam essas formas efetivas de comunidade que fazem “Conexões entre objetos e imagens, entre imagens e vozes, entre rostos e palavras. Tecer relações entre espaços distantes, vínculos entre elementos que eram mantidos

separados.” (RANCIÈRE, CALDERÓN, 2021, p.33) Este Manual de Videoarte Vertical pretende tecer tais relações entre mulheres em estado de vulnerabilidade principalmente e o mundo artístico, por meio da produção em vídeos verticais ativistas das próprias espectadoras, utilizando as redes sociais e a tecnologia como ponte entre objeto artístico e espectador.

A pesquisa visa causar os desentendimentos, por possuir tantas perspectivas em um só lugar, e assim ocasionar uma transformação na sociedade. Convida espectadoras a mostrarem suas variadas perspectivas por meio dos vídeos verticais, e assim pretende-se também incitar novos projetos, novas criações que tornem o âmbito artístico mais igualitário nas questões de gênero, classe e raça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se considerar o problema de pesquisa e os objetivos dele derivados, põe-se em discussão o tema desta pesquisa para buscar refletir os resultados esperados devido a pesquisa realizada no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia - Mestrado Profissional da Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design da UNESP.

O problema da pesquisa surge com a seguinte questão: “Como o Ativismo Curatorial faz uso de tecnologias e mídias para aproximar artistas e espectadores?”

Assim a pesquisa toma essa pergunta inicial e investiga bibliografias acerca do Ativismo Curatorial e Tecnologia tendo como base os autores Maura Reilly, Jacques Rancière, Arlindo Machado, Walter Zanini, Grear e Bollier, Akotirene, entre outros.

Buscando responder ao objetivo geral da pesquisa, criou-se um Manual de Videoarte Vertical Ativista a partir da investigação da função do vídeo no Ativismo Curatorial. O Manual de Videoarte Vertical foi criado em uma plataforma aberta, o Canva, e foi publicado também em uma plataforma aberta “ssuu”, pensando no fato de que as espectadoras podem acessá-lo com facilidade e podem produzir videoarte em seus *smartphones*, e assim terem acesso a esse novo âmbito artístico criado pelo manual na rede social Instagram. Assim, outros indivíduos podem também, a partir desta pesquisa, criar seus próprios âmbitos e abrir cada vez mais novas possibilidades artísticas para espectadoras diversas, não privilegiadas, para que tenham contato aproximado com obras artísticas e possam mostrar suas perspectivas em locais criados por elas e para elas.

Em relação ao primeiro objetivo específico: “observar o vídeo como elemento potencializador da interatividade e cooperatividade entre artistas e espectadores”, a pesquisa apresenta teóricos que mostram a insurgência de projetos contemporâneos com interatividade

e cooperatividade entre criadores e espectadores com objetivos de reparação e mudança social, assim pretende-se inspirar novas pesquisas e produções que continuem e multipliquem tais investigações para que sejam realmente aplicados tais projetos que visam igualdade social.

Já quando buscou-se atender ao segundo objetivo específico: “investigar e definir o conceito de Ativismo Curatorial, estruturar e descrever a Mostra Videobrasil Online no recorte temporal proposto, de 2010 a 2020”, definiu-se o Ativismo Curatorial a partir da teoria de Maura Reilly como estratégia de reparar curadorias e uma história da arte excludente que foca em indivíduos brancos, é essencialmente machista e eurocêntrica.

A pesquisa realizada no item desta pesquisa nomeado Mostra Videobrasil Online apresentou um estudo curatorial que pretendeu resgatar e trazer aos espectadores interatividade com obras disponíveis na plataforma Videobrasil Online, para apresentar um exemplo de como o Ativismo Curatorial é diverso e como é possível colocá-lo em prática. Pretendeu-se acrescentar às pesquisas em Artes Visuais e Tecnologia, mostrando possibilidades de trabalhar interatividade com espectador, tecnologia e mídia e ao mesmo tempo incitar produções, pesquisas que visam também agregar acerca do Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5, para a igualdade de gênero para todas as mulheres e meninas.

O terceiro e último objetivo específico, pretendeu: “propor um Manual de Videoarte Vertical de cunho ativista com o tema arte do vídeo, tecnologia e mídia produzidas por mulheres”. Assim, durante a vigência da pesquisa no programa de pós graduação PPGMiT - mestrado, foi produzida, além do documento do Manual de Videoarte Vertical Ativista, toda a fundamentação teórica da pesquisa de forma que espectadores não conectados à Academia tenham contato com esse material produzido e que o mesmo reverbere, e derive produções plurais.

Também foi descrito e demonstrado o planejamento de divulgação, desenvolvidos por meios midiáticos e assim chegam aos espectadores e transmitem o ideal do manual e das bibliografias da melhor forma possível.

Neste Relatório Final de Pesquisa pretendeu-se mostrar todas as etapas da pesquisa e assim agregar ao acervo de pesquisas em Ativismo Curatorial e Tecnologia visando mudanças na sociedade de forma a reparar exclusões de grupos tidos como minorias.

Acerca da contribuição desta pesquisa para minha formação como mestre em Mídia e Tecnologia, foi uma importante experiência prática em Ativismo Curatorial, o estudo de como colocar em prática as teorias estudadas, transmitir e compartilhar tais conhecimentos com a sociedade.

A importância da pesquisa também para expandir meus conhecimentos sobre a relação entre Tecnologia e Mídia e o Ativismo Curatorial, e também perante a bibliografia estudada que acrescentou importantes conhecimentos a meu repertório e também ferramentas de compartilhamento com a população e no próprio mundo acadêmico.

O contato com o estágio docência durante a formação auxiliou na experiência em sala de aula e como compartilhar e transformar conhecimentos junto aos alunos da FAAC. Já a experiência nas disciplinas do programa estreitou o contato com colegas da universidade pluralizando conhecimentos e possibilidades de criação.

Assim, me sinto mais preparada para os próximos passos da jornada acadêmica dentro do Ativismo Curatorial e Tecnologia de forma a fazer parte de pesquisas que visam uma mudança na sociedade fundamentada, não somente, mas essencialmente, nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Agenda 2030 da ONU.

REFERÊNCIAS

ARANTES, Priscila. **Arte e mídia no Brasil: perspectivas da estética digital**. ARS (São Paulo) 3 (6). 2005. P.53-65. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/ars/a/GJpShm95ZD4fhsxPHLMgrng/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em 24 mar 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo, Editora Jandaíra, 2020.

BOLLIER, David; GREAR, Anna, (Orgs.). **The Great Awakening** - New Modes of Life amidst Capitalist Ruins. Punctum Books, 2020.

BIDARRA, J., & SEVERO, L. F. (2020). A espacialidade da tela vertical nas narrativas digitais contemporâneas e as reconfigurações do aspect ratio no audiovisual. Tríade: **Revista de Comunicação, Cultura e Mídia**, 8(19), 177-191.

LACERDA, Lais Miguel; RIBEIRO, Regilene A. Sarzi. **Arte Midiática, Performance e Empoderamento Feminino: Berna Reale**. In: Alan Angeluci, Vicente Gosciola, Natalia Martin Viola e Regilene Sarzi (Orgs.). **Arte e narrativas emergentes - 1a Edição** - Aveiro: Ria Editorial, 2019. pp.65-84.

MACHADO, Arlindo. **Made in Brasil**. São Paulo: Iluminuras: Itaú Cultural, 2007.

MBANDI, Nzinga. **Interseccionalidades**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, 2019.

MESQUITA, **Insurgências Poéticas, Arte Ativista e Ação Coletiva**. São Paulo: Annablume; Fapesp, 2011. 293p.

RANCIÈRE, Jacques. **Espectador Emancipado**. Lisboa. Orfeu Negro, 2010.

RANCIÈRE, Jacques; CALDERÓN, Ângela. **O trabalho das imagens**. Conversações com Andréa Soto Calderón. Belo Horizonte, Edições Chão da Feira, 2021.

REILLY, Maura. **Curatorial Activism, Towards an ethics of curating**. Nova Iorque, Thames & Hudson Ltd, 2018.

REINALDIM, Ivair. Tópicos sobre curadoria. In: **Revista Poiésis** nº 26: Curadoria. Ivair Reinaldim, org. Rio de Janeiro, Dez. 2015. p. 15 – 28. Disponível em: <<http://www.poesis.uff.br/p26/p26-texto-integral.pdf>> Acesso em 24 mar 2023.

SARZI RIBEIRO, R. A. **Corpo, videoarte e o papel das linguagens midiáticas na construção de sentido e visibilidade das artes visuais.** Revista Comunicação Midiática, Bauru, SP, v. 8, n. 3, p. 87–107, 2013. Disponível em: <https://www2.faac.unesp.br/comunicacaomidiatica/index.php/CM/article/view/214>. Acesso em: 27 jan. 2023.

SANTOS, Sofia Sartori dos; SARZI-RIBEIRO, Regilene A.. **ATIVISMO CURATORIAL: VIDEO, ARTEMÍDIA E TECNOLOGIA NA AMÉRICA LATINA..** In: IV Jornada Internacional GEMInIS (JIG 2021) - <https://doity.com.br/anais/jig2021/>, 2022. Disponível em: <<https://www.doity.com.br/anais/jig2021/trabalho/227785>>. Acesso em: 27/01/2023 às 15:18

SILVA, Tarcisio Torres. **Ativismo Digital e Imagem.** Jundiaí, Paco Editorial, 2016.

SILVA, VELEI. O corpo protagonista nas telas verticais: a influência do enquadramento retrato dos smartphones na produção imagética. **Comunicação & Inovação**, PPGCOM/USCS v.21, n. 46 [28-45] mai-ago 2020.

ZANINI, Walter. **Vanguardas, desmaterialização, tecnologias na arte.** CIDADE E EDITORA. 2018.